





UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
LETRAS TRADUÇÃO FRANCÊS

SUELY FERREIRA DE CARVALHO

‘SER’ HUMANO:

Desafios emocionais de intérpretes no atendimento a candidatos a refúgio e asilo no Brasil

BRASÍLIA – DF
2020

SUELY FERREIRA DE CARVALHO

‘SER’ HUMANO:

Desafios emocionais de intérpretes no atendimento a candidatos a refúgio e asilo no Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Letras da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Letras - Tradução Francês.

Linha de Pesquisa:

Impactos da Emoção na Interpretação Comunitária

Orientadora:

Profª Dra. Sabine Gorovitz

BRASÍLIA - DF
2020

Referência Bibliográfica e Catalogação

CARVALHO, Suely Ferreira. **‘Ser’ Humano**: desafios emocionais de intérpretes no atendimento a candidatos a refúgio e asilo no Brasil. Orientadora: Sabine Gorovitz. 2020. 99 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Letras Tradução Francês) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora.

Suely Ferreira de Carvalho

Graduou-se em Letras Tradução Francês e Letras Tradução Inglês pela Universidade de Brasília (UnB), em 2020. Graduada em Psicologia (PUC-Go). Pós-graduada em Administração de Empresas, Gestão de Recursos Humanos (PUC-Go/FGV) e Relações Internacionais (UnB). Diploma de Estudos Aprofundados - DEA em Psicologia Clínica (UCL).

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F383" Ferreira de Carvalho, Suely
 "Ser" humano: Desafios emocionais de intérpretes no
 atendimento a candidatos a refúgio e asilo no Brasil /
 Suely Ferreira de Carvalho; orientador Sabine Gorovitz .
 - Brasília, 2020.
 101 p.

 Monografia (Graduação - Letras) -- Universidade de
 Brasília, 2020.

 1. Interpretação comunitária. 2. Fenômeno migratório. 3.
 Interpretação forense. 4. Códigos de ética de intérpretes. 5.
 Emoções e Valores Culturais. I. Gorovitz , Sabine , orient.
 II. Título.

SUELY FERREIRA DE CARVALHO

‘SER’ HUMANO:

Desafios emocionais de intérpretes no atendimento a candidatos a refúgio e asilo no Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Letras da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Letras - Tradução Francês.

Habilitação: Letras Tradução Francês

Data de Aprovação

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sabine Gorovitz – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Eclair Antônio Almeida Filho – Universidade de Brasília

Profa. Dra. Josely Bogo Machado Soncella – Universidade de Brasília

Brasília, dezembro de 2020.

Porque se não fosse eles eu não estaria aqui...
(*in memoriam*)



AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Sabine Gorovitz, pela parceria no nosso ambicioso objetivo de tocar quatro campos de estudo em um único projeto de final de curso;

Aos membros da banca, Professor Éclair Antônio Almeida Filho e Professora Josely Bogo Machado Soncella, queridos professores e companheiros de jornada nesta graduação;

À intérprete forense, professora Jaqueline Nordin, por todo o incentivo que deu ao nosso trabalho;

Agradeço de coração a cada pessoa que respondeu à entrevista: sem vocês, esse trabalho não seria possível;

Aos meus pais, Carvalho e Maria Augusta - hoje habitantes de outras dimensões -, pela força que me dão, estejam onde estiverem; e também aos meus filhos Diego e Marco Túlio;

Aos espíritos amigos, apoiadores invisíveis aos nossos olhos e sustentáculos nos nossos desafios diários.

*“A gente alimenta a nossa alma com conhecimento e amor:
as duas asas da evolução que nos fazem voar para o
infinito.”*

GERALDINHO LEMOS

RESUMO

A partir da tradução do texto de Aurelia Klimkiewicz, *L'interprétation communautaire : un modèle de communication « trialogique »*, conduzimos uma pesquisa com o objetivo de 'escutar' o ponto de vista dos intérpretes comunitários a respeito dos principais pontos do texto, quais sejam: a relação 'trialógica' entre o intérprete, o imigrante e um "terceiro"; os fatores humanos existentes nessa relação; e os conflitos identificados quando as emoções e valores culturais se contrapõem às normas éticas da profissão. Os resultados da pesquisa corroboraram a existência desses conflitos e mostram as impressões deixadas na vida desses profissionais, a partir da relação com refugiados, asilados ou estrangeiros que respondem por crimes cometidos no Brasil.

Palavras-chave: Interpretação comunitária. Fenômeno migratório. Refugiados do clima. Psicologia intercultural. Códigos de ética de intérpretes. Emoções. Valores culturais. Refúgio e asilo no Brasil. Estudos da tradução.

RESUMÉ

À partir de la traduction du texte d'Aurelia Klimkiewicz, *L'interprétation communautaire: un modèle de communication «trialogique»*, nous avons mené une recherche dans le but «d'écouter» le point de vue des interprètes communautaires sur les principaux points du texte, ce qui sont: la relation «trialogique» entre l'interprète, l'immigrant et un «tiers»; les facteurs humains existant dans cette relation; et les conflits identifiés lorsque les émotions et les valeurs culturelles s'opposent aux normes éthiques de la profession. Les résultats de la recherche corroborent l'existence de ces conflits et montrent les impressions laissées dans la vie de ces professionnels, de la relation avec les réfugiés, les demandeurs d'asile ou les étrangers qui répondent des crimes commis au Brésil.

Mots clés: Interprétation communautaire. Phénomène migratoire. Réfugiés climatiques. Psychologie interculturelle. Codes de déontologie des interprètes. Émotions, Valeurs culturelles. Refuge et asile au Brésil. Études de traduction.

ABSTRACT

Based on the translation of the text by Aurelia Klimkiewicz, *L'interprétation communautaire : un modèle de communication « trialogique »*, we carried out a research with the objective of 'listening' to the point of view of the community interpreters regarding the main points of the text, which are: the 'trialogical' relationship between the interpreter, the immigrant and a "third party"; the human factors existing in this relationship; and the conflicts identified when emotions and cultural values are opposed to the ethical norms of the profession. The research results corroborated the existence of these conflicts and disclosed the impressions left in the lives of these professionals, from the relationship with refugees, asylum seekers or foreigners who are responsible for crimes committed in Brazil.

Keywords: Community interpretation. Migratory phenomenon. Climate refugees. Intercultural psychology. Interpreter codes of ethics. Emotions. Cultural values. Refuge and asylum in Brazil. Translation studies.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Questões de avaliação 1 a 3, do tipo INT	36
Tabela 2 – Questão 4: primeira questão de avaliação do tipo EMO	36
Tabela 3 - Questão 5: segunda questão de avaliação do tipo EMO	37
Tabela 4 - Questão 6: terceira questão de avaliação do tipo EMO	38
Tabela 5 - Questão 7: quarta questão de avaliação do tipo EMO	38
Tabela 6 - Questão 8: quinta questão de avaliação do tipo EMO	39
Tabela 7 - Questão 9: primeira questão de avaliação do tipo VAL	40
Tabela 8 – Questão 10: sexta questão de avaliação do tipo EMO	40
Tabela 9 - Questão 11: segunda questão de avaliação do tipo VAL	41
Tabela 10 - Questão 12: terceira questão de avaliação do tipo VAL	41
Tabela 11 - Questão 13: sétima questão de avaliação do tipo EMO	42
Tabela 12 - Questão 14: oitava questão de avaliação do tipo EMO	43
Tabela 13 - Questão 15: nona questão de avaliação do tipo EMO	44
Tabela 14 - Questão 16: quarta questão de avaliação do tipo VAL	44
Tabela 15 - Questão 17: décima questão de avaliação do tipo EMO	45
Tabela 16 - Questão 18: décima primeira questão de avaliação do tipo EMO	46
Tabela 17 - Questão 19: primeira questão de avaliação do tipo EXI	46
Tabela 18 - Questão 20: segunda questão de avaliação do tipo EXI	47

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

ABRATES	Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes
ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
APTRAD	Associação de Profissionais de Tradução e Interpretação
DEA	<i>Diplôme d'Études Approfondies</i>
FGV	Fundação Getúlio Vargas
OIM	Organização Internacional para Migrações
PUC-Go	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
SINTRA	Sindicato Nacional dos Tradutores
TTR	<i>Traduction, terminologie, rédaction</i>
UCL	<i>Université Catholique de Louvain</i>
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I - DIMENSÃO VALORATIVA DA INTERPRETAÇÃO	18
CAPÍTULO II - DIMENSÃO VALORATIVA DA EMOÇÃO	22
CAPÍTULO III - DIMENSÃO CONCEITUAL	28
CAPÍTULO IV – DIMENSÃO DOS RESULTADOS	33
CAPÍTULO V – TRADUÇÃO COMENTADA	49
CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
APÊNDICE A – TEXTO DE PARTIDA.....	59
APÊNDICE B – TEXTO DE CHEGADA	74
APÊNDICE C – ENTREVISTA COM O INTÉRPRETE	90
APÊNDICE D - GLOSSÁRIO	96

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que a discussão sobre os efeitos da globalização dá-se nos mais diversos meios: o mundo se move de muitas formas e por várias razões, fazendo com que os povos sigam o mesmo movimento, em busca de oportunidades, de nova vida, de felicidade. O novo **desenho do mundo**, ele mesmo mutante, faz com que culturas se encontrem, línguas se toquem, ressaltando a importância de um conhecido “subcampo” da tradução: a **interpretação comunitária**, que atua na recepção, adaptação e integração dos novos povos que chegam a novos lugares: os imigrantes de qualquer natureza.

É no palco da burocracia necessária para a integração (o primeiro lugar a ser enfrentado pelo imigrante) que o intérprete aparece como profissional de prestimoso e inestimável valor, pois atua não somente para construir uma ponte linguística, mas também na travessia da ponte cultural. Conta-nos Antón (2016, p. 107), citando Roberts (1994, p. 127), que a Interpretação Comunitária “enables people who are not fluent speakers of the official language(s) of the country to communicate with the providers of public services so as to facilitate full and equal access to legal, health, education, government, and social services”.¹

Quando culturas se encontram ocorre um choque de valores. É o que Carvalho (2011) defende ao apresentar a iniciativa das Nações Unidas denominada Aliança das Civilizações e a Teoria do Choque de Samuel Huntington, que tratam do choque de valores no mundo contemporâneo. Carvalho (2011, p. 42) esclarece: “a política mundial está sendo reconfigurada seguindo não somente as linhas culturais e civilizacionais [...], mas, sobretudo, seguindo as linhas valorativas”. Valores que são ressaltados no contato entre intérpretes e imigrantes, encontro necessário para superar o desconhecimento da língua estrangeira, presente naqueles que chegam a ‘outro’ país, muitas vezes em condições adversas, e que necessitam acessar, entender e absorver a lei do ‘outro’, as normas legais que vão interferir - e muito - em sua aceitação em outra sociedade. No país do ‘outro’ as práticas sociais são diversas, o jeito de ser é diferente, assim como a paisagem, o povo, o clima e a língua, obviamente.

¹ "permite que as pessoas que não falam fluentemente a(s) língua(s) oficial(is) do país se comuniquem com os prestadores de serviços públicos, de modo a facilitar o acesso pleno e igualitário aos serviços jurídicos, de saúde, de educação, governamentais e sociais" (ROBERTS, 1994, p. 127 *apud* ANTÓN, 2016, p. 107, tradução nossa).

Como se intercompreendem duas culturas, às vezes geograficamente tão distantes? É o que vem tentar responder a Psicologia Intercultural, que nas palavras de Paiva (1978, n.p.) - na apresentação de seu livro - adentra o campo da pesquisa intercultural, visando “a compreensão das relações entre a cultura e o comportamento individual”. E no terreno em que pisa a cultura, pisam também os valores e as emoções, sendo essas últimas a expressão da essência do ‘ser’ humano.

Por tratar de culturas díspares em encontro, mesmo que *en passant* o tema deste trabalho sobre interpretação comunitária repousa sobre quatro ciências, a saber: Tradução/Interpretação, Relações Internacionais, Psicologia e Direito: quatro campos científicos estudados por esta pesquisadora. A atividade de interpretação comunitária e seus entornos (situações que antecedem ou sucedem as sessões de interpretação) apresenta valoroso campo de investigação científica para o propósito de integrar as áreas citadas.

E é também em nome do vínculo entre interpretação, cultura, comportamento, valores e emoções que optamos por traduzir um texto cujo tema trata da relação entre intérpretes e imigrantes, um espaço de comunicação intercultural no qual elementos da psique humana estão sempre presentes: “les facteurs humains qui entrent en jeu lors d’une entrevue, au moment où l’interprète risque d’obéir à sa conscience ou à ses sentiments et non pas aux normes professionnelles et sociales” (KLIMKIEWICZ, 2005, p. 223).²

O texto a ser traduzido neste projeto de tradução - e que serve de referência a este trabalho - foi publicado na Revista TTR - *Traduction, terminologie, rédaction*, editada pela *Association Canadienne de Traductologie*, volume 18, número 2, 2005. O tema do número em questão é tradução engajada, tradução e ativismo social. Seu título em francês é: *L’interprétation communautaire: un modèle de communication “trialogique”*, de autoria de Aurelia Klimkiewicz. A autora faz uma reflexão sobre a relação entre intérpretes e demais atores durante um intercâmbio intercultural, no qual se fazem presentes vários níveis de dificuldade.

A partir dessa relação enfatizada no texto de partida desenvolvemos um projeto de pesquisa que vai além das interações linguísticas mediadas por um intérprete, adentrando as interações emocionais e valorativas inseridas na interculturalidade. Nosso objeto de estudo

² “os fatores humanos que entram em jogo durante uma entrevista, quando o intérprete corre o risco de obedecer à sua consciência ou aos seus sentimentos e não às normas profissionais e sociais” (KLIMKIEWICZ, 2005, p. 223, tradução nossa).

estará limitado às atividades de interpretação comunitária, que mais das vezes se dão no campo institucional, médico ou jurídico. Nestes tempos em que as relações internacionais se voltam para um fenômeno migratório cada vez mais intenso, pensamos que o tema proposto é bastante propício.

No que diz respeito aos fatores emocionais, extralinguísticos, algumas questões suscitam a nossa curiosidade: como são percebidas pelos intérpretes as emoções que possam aflorar no trato com um imigrante, sobretudo se ele for um solicitante de refúgio ou asilo? Que estratégias de gerenciamento da própria emoção são utilizadas por um intérprete quando o 'ser' humano aflora? Como tais estratégias podem afetar todo o processo, e que possíveis sequelas, memórias, aprendizado, são deixados para além da tarefa de interpretar?

Nesse sentido, além da tradução comentada do texto de partida, propomos uma análise das questões acima elencadas, temática que nos parece fascinante e desafiadora. Ela contempla um amplo campo de investigação no qual pretendemos dar os primeiros passos neste trabalho que apenas toca a obviedade de que não conseguimos abrir mão da nossa condição de 'ser' humano, não importa que atividade profissional exerçamos.

Essa referência ao caráter 'humano' da interpretação comunitária está diretamente vinculada às questões relevantes de Direitos Humanos, uma das frentes de luta de organizações internacionais. O direito 'humano' de viver em paz, em suficiência, em felicidade, encontra amparo na proteção daqueles que se deslocam pelo mundo por razões de perseguição política, tensões sociais, condições subumanas de vida, radicalismo religioso, questões de raça e terrorismo, mas também por questões econômicas.

Em relatório de 2019, a Organização Internacional para Imigrações (OIM) revelou que o mundo tem hoje cerca de 272 milhões de migrantes internacionais, sendo dois terços dessas pessoas considerados migrantes de mão-de-obra. Em breve novos imigrantes alimentarão o fenômeno migratório: os refugiados do clima. Segundo previu em 2018 o World Bank, as mudanças climáticas podem causar, até 2050, a migração de mais de 140 milhões de pessoas, dentro das fronteiras de seus próprios países.

Não é difícil concluir que esse movimento não estará - como já não é - restrito às fronteiras internas dos Estados, gerando uma amplificação do fenômeno migratório. Mais pessoas saindo de seus lugares em direção a outros espaços, onde se fala línguas diferentes, onde os intérpretes comunitários serão cada vez mais essenciais, ao menos na fase inicial de inserção no país.

E se esse movimento se dirigir ao Brasil de maneira importante? Estamos legalmente prontos para receber futuros brasileiros por opção? Atentos a essa possibilidade, em palestra proferida pelo juiz federal Paulo Marcos Rodrigues de Almeida, em 26 de junho de 2020, fizemos o seguinte questionamento:

Imaginemos que em médio prazo outra figura entrará no rol de tipologias de refúgio: o refugiado por razões climáticas; qual seria a adaptação necessária da legislação brasileira para a aceitação desse tipo de refúgio? Como seria a processualística necessária para tais casos? Como seria a condução do processo em si?

A essa pergunta responde o palestrante:

A boa notícia é que a gente já tem uma moldura legal pra isso aqui no Brasil. Embora a gente não tenha exatamente o cenário que você vislumbra, [...] que antigamente a gente pensava que era coisa de filme, [...] muitos oceanógrafos, muitos pesquisadores já dão por certo que com o derretimento das calotas polares e a elevação gradual do nível dos oceanos, [...] territórios vão desaparecer. Mas a gente já teve [...] esse tipo de refugiado por desastre natural, os próprios haitianos [...] a partir de 2010 [...] por causa de [...] um terremoto. A grande diferença do cenário [...] atual pra esse outro cenário no futuro próximo é que esses refugiados do futuro perderiam um território pra onde voltar [...], e aí a gente entraria no caso dos apátridas. Mas aí a gente lembra que a nova Lei da Migração criou a acolhida humanitária, [...] um visto temporário para acolhida humanitária.

De fato, nos informa Moraes (2020, n. p.) que o Brasil conta com uma nova Lei de Migração desde maio de 2017, lei que revogou o antigo Estatuto do Estrangeiro (Lei nº 6.815, de 1980). O novo diploma “está escorado nos princípios consagrados pela Constituição de 1988 e por tratados internacionais que versam sobre os direitos humanos, conferindo aos imigrantes direitos e garantias fundamentais”.

O Juiz Paulo Almeida esclarece que um caso de “refugiado por questões climáticas” estaria amparado dentro da Lei nº 13.445/2017, que diz:

o visto temporário para acolhida humanitária poderá ser concedido ao apátrida ou ao nacional de qualquer país em situação de grave ou iminente instabilidade institucional, de conflito armado, de calamidade de grande proporção, de desastre ambiental ou de grave violação de direitos humanos ou de direito internacional humanitário. (BRASIL, 2017, art. 14, § 3º)

Diante do cenário de grande movimentação de povos no mundo, decorrentes de violações de direitos humanos ou não, um ‘novíssimo mundo’ irá surgir nas próximas décadas - diferente em suas características daquele que ficou conhecido como ‘novo mundo’, a partir das antigas navegações do século 15. Neste novíssimo mundo, a

interpretação comunitária deverá emergir da obscuridade que ainda cerca a profissão, ajudando a dar à luz a novos tempos, nos quais as fronteiras serão mais tênues e o senso de 'ser' humano estará mais introjetado no dia a dia das pessoas: assim esperamos.

CAPÍTULO I - DIMENSÃO VALORATIVA DA INTERPRETAÇÃO

Quando um solicitante de refúgio ou asilo não domina o nosso idioma a ponto de advogar suas pretensões, entra em cena a figura do intérprete comunitário. É esse profissional que vai ladear o solicitante em seu contato com autoridades brasileiras, servidores públicos, também sujeitos aos próprios valores (aqueles vindos de casa), aos valores da sociedade em que vivem, mas também aos valores das instituições públicas em que trabalham.

De fato, o intérprete está sujeito aos valores das pessoas com quem trabalha e ainda das pessoas para quem trabalha; o que significa que o contato com os valores do estrangeiro fará parte do cotidiano de um intérprete. Klimkiewicz (2005, p. 221) nos alerta: “l’interprète en tant que membre de la société d’accueil (il sera porté à défendre les institutions et les valeurs de sa culture; son point d’alliance - le professionnel, l’institution, la société)”.³

Esse caldo de valores tem um efeito importante sobre as relações de trabalho e sobre a relação com o cliente que busca os serviços públicos. Na verdade, é esse caldo de valores que determina a qualidade do contato social: quando possuímos valores semelhantes aos valores do ‘outro’, a identificação se dá de imediato. Quando os valores do ‘outro’ são diferentes dos nossos, nasce uma rejeição inconsciente, que exige um efetivo gerenciamento das relações sociais e, digamos de passagem, um primoroso autoconhecimento e respeito pela opinião alheia: isso está longe de ser uma tarefa fácil. Se o contato social em momentos de lazer (de caráter opcional) já pode ser afetado pela discrepância de valores entre os indivíduos, o contato profissional (este, inevitável), entre pessoas com valores diferentes pode tornar as relações de trabalho um inferno.

Ferreira (2015) dedicou toda uma obra sobre a questão dos valores no trabalho, chamando atenção sobre os efeitos danosos que valores e princípios deturpados podem causar no ambiente laboral, sobretudo sobre a psique do indivíduo, mas também sobre sua saúde física. Em uma das sugestões que faz para o saneamento dos efeitos danosos do confronto de valores, Ferreira desenvolve o conceito de *competência valorativa* (expressão do comportamento baseado na ética), atrelado ao conceito de *educação para o valor* (referenciada nos valores humanos). A autora coloca sobre os ombros das instituições

³ "o intérprete - enquanto membro da sociedade anfitriã - estará inclinado a defender as instituições e os valores de sua cultura; seu ponto de aliança - o profissional, a instituição, a sociedade" (KLIMKIEWICZ, 2005, p. 221, tradução nossa).

públicas - mas também das empresas em geral - a responsabilidade de desenvolver 'competências valorativas, por meio da educação para o valor', ambos instrumentos de combate ao que ela chama de "desvalores" ou "contravalores" (FERREIRA, 2015, p. 250). Ferreira (2015, p. 133) arremata que "isso é parte do que hoje se define como responsabilidade social".

O diferencial no conceito de 'competência valorativa' e no conceito de 'educação para o valor' de Ferreira (2015) é o desenvolvimento pela autora de ferramentas - subsistemas de recursos humanos - que mensuram, identificam e desenvolvem valores humanos no cotidiano do trabalho. Uma coisa é dizer que se é humilde, empático, respeitoso, solidário ou não preconceituoso - valores tão necessários a qualquer profissional; outra é expressar tais valores no comportamento diário. Declarar valores humanos não significa possuí-los: há 'declarações' que não resistem a uma dinâmica de grupo ou a um olhar dentro dos olhos.

A interpretação comunitária é o elo entre dois universos caracterizados por valores díspares; diferentes formas de enxergar a materialidade do mundo e a espiritualidade do divino. Esse universo valorativo demanda do intérprete, além da língua do outro, o conhecimento da cultura do outro. Também exige dele o perfeito equilíbrio entre os valores humanos (compaixão, empatia, solidariedade, respeito, democracia, honestidade, humildade...) e os valores presentes nos códigos de ética da profissão (precisão, profissionalismo, discrição, integridade, imparcialidade, fidelidade, credibilidade...). Esse equilíbrio é possível? A esse respeito, que lições são tiradas do cotidiano do intérprete comunitário?

Respostas a essas nossas indagações foram extraídas da fala de 20 intérpretes comunitários, participantes da pesquisa que embasa este trabalho. Essa escuta trouxe os seguintes depoimentos, a respeito das questões de valor:

A questão de respeito, cordialidade, seja com um refugiado, paupérrimo, miserável... as pessoas precisam ter educação, respeito, por que todos nós somos seres humanos, nós erramos, nós cometemos erros, nós precisamos de um pouco de empatia.⁴

(...) eu tenho pensado muito é como a gente precisa pensar um ensino mais emancipador, libertário, pra essa prática de interpretação. (...) Para o intérprete sim, porque eu acho que as pessoas que trabalham com interpretação

⁴ Depoimento do sujeito 1.

*comunitária vêm carregadas de muito preconceito estrutural mesmo, né, da sociedade brasileira.*⁵

*Eu acho que isso ficou muito claro pra mim... e, de maneira geral, isso **me deixou mais humilde**. Acho que **eu desenvolvi uma maior humildade em relação ao que eu não sei, ao que é diferente da minha realidade**.*⁶

***Eu passei a valorizar mais a minha liberdade**, sou mais **grata pela vida**, (...) né, eu acho que essa experiência me levou a me tornar uma **pessoa mais positiva** e também **me trouxe um pouco mais de sensibilidade**.*⁷

*(...) a minha criação desde criança foi que as pessoas são sempre boas, as pessoas são sempre honestas, as pessoas sempre têm os lados bons em tudo, com certo grau de inocência. **Hoje eu consigo perceber que as pessoas não são necessariamente apenas boas, as pessoas são ruins, as pessoas são mentirosas**,*⁸

*Mas eu trato, procuro tratar todo mundo igual. E, **se eu percebo que por um motivo eu tenho mais empatia com o outro** e realmente tem essa diferença de tratamento, eu procuro contornar isso de alguma forma.*⁹

*Sim, era um **pedófilo que se escondia atrás de uma igreja** (...) **foi revoltante ver aquilo**.*¹⁰

***O pai assassinou e mãe e depois se suicidou na frente da menina e do menino** que eu tava interpretando e... meio que travou assim a minha boca quando... num certo ponto, eu não lembro qual, e o que eu fiz foi (...) **Deus, Deus me ajuda** porque eu preciso ajudar essas duas crianças também.*¹¹

*(...) a parte mais negativa é quando existem cenas ou situações de **crime, violência, agressões**, ah.. que são, e que **o intérprete é obrigado a transmitir aquele mesmo pensamento, descrever a situação** (...)*¹²

*Ela tava falando sobre o uso de drogas dela, mas **eu me mantive na posição de intérprete**, eh, quando **ela relatava o uso de drogas**, como ela usava, como ela escondia a droga e os efeitos que tinha, né... **Mas eu me mantive na posição de intérprete**.*¹³

Os depoimentos acima dão conta da luta constante que o intérprete comunitário tem de travar consigo mesmo, refém que é dos seus valores, confrontados aos valores do 'outro'. As pessoas se atraem ou se afastam por questões valorativas; com um intérprete não seria diferente. A esse respeito, Klimkiewicz (2005), lembrando a importância dos fatores biográficos na atividade de tradução, elucida:

⁵ Depoimento do sujeito 20.

⁶ Depoimento do sujeito 6.

⁷ Depoimento do sujeito 7.

⁸ Depoimento do sujeito 1.

⁹ Depoimento do sujeito 19.

¹⁰ Depoimento do sujeito 17.

¹¹ Depoimento do sujeito 12.

¹² Depoimento do sujeito 11.

¹³ Depoimento do sujeito 10.

L'analyse des dispositifs discursifs devrait donc inclure les points d'alliances selon l'origine de l'interprète :

- l'interprète en tant que membre de la société d'accueil (il sera porté à défendre les institutions et les valeurs de sa culture ; son point d'alliance – le professionnel, l'institution, la société) ;
- en tant que compatriote du client (il risque de manipuler et de mentir au nom de la solidarité ; son point d'alliance – le client) ;
- ni l'un ni l'autre, ce qui ne signifie pas pour autant la neutralité (selon son origine et l'origine du client, il risque de manifester de l'hostilité à l'égard du celui-ci s'il existe une injustice historique qui les sépare ; son point d'alliance – soit le professionnel qui représente le pays d'accueil, soit la solidarité avec son pays d'origine) (KLIMKIEWICZ, 2005, p. 221).¹⁴

A citação resgata a condição de 'ser' humano na atuação do intérprete: seus sentimentos, emoções, percepções, mas também suas obrigações profissionais. Compreende-se que um elevado esforço é feito por esse profissional para 'tentar' se manter imune aos julgamentos de valor ou identificações com esta ou aquela pessoa de quem interpreta as palavras. Esforço complementar é ter que lidar com as memórias de momentos traumáticos, mesmo os alheios; é ter que digerir o lado obscuro da natureza humana, presente no dia a dia do intérprete comunitário.

Em síntese, 'ser' humano é defender valores ou rechaçá-los. Se assim é, como seguir de forma natural a orientação de Almeida e Nordin (2017, p. 70), que afirmam que “não é dever do intérprete fazer juízo de valor ou do comportamento das partes para quem está Interpretando?” Esse aparente dilema talvez possa ser visto de outra forma no próximo capítulo, tendo em vista que os valores podem também impactar a vivência das emoções dos intérpretes.

¹⁴ A análise dos dispositivos discursivos deveria, portanto, incluir os pontos de alianças de acordo com a origem do intérprete:

- como membro da sociedade anfitriã, o intérprete estará inclinado a defender as instituições e valores de sua cultura; seu ponto de aliança - o profissional, a instituição, a sociedade;
- como compatriota do cliente, ele corre o risco de manipular e mentir em nome da solidariedade; seu ponto de aliança - o cliente;
- não sendo um ou outro, não significa neutralidade (dependendo de sua origem e da origem do cliente, o intérprete corre o risco de mostrar hostilidade para com o cliente caso haja uma injustiça histórica que os separe; seu ponto de aliança - o profissional que representa o país anfitrião ou a solidariedade com seu país de origem (KLIMKIEWICZ, 2005, p. 221, tradução nossa).

CAPÍTULO II - DIMENSÃO VALORATIVA DA EMOÇÃO

Nenhuma atividade laboral pode prescindir de envolvimento emocional, pois a capacidade de se emocionar é inerente ao ser humano. Não existe muro de resiliência suficientemente forte para impedir que uma pessoa seja afetada em sua sensibilidade durante a atividade laboral, em um momento ou outro da vida.

A atividade de interpretação comunitária é caracterizada por condições de trabalho frequentemente difíceis. As histórias de vida de alguns imigrantes - sobretudo os refugiados e asilados -, ainda mais em zonas de conflito, dão conta de vivências difíceis, angustiantes e traumáticas, com alta carga emocional. Elas podem fazer com que o intérprete perca a necessária neutralidade. Valero-Garcés (2005, p. 1) esclarece que os intérpretes “must possess tremendous emotional stability in order to successfully undertake certain aspects present in the nature of their work”.¹⁵

Também existem pesadas cobranças de atuação ética, que não somente norteiam a imparcialidade, a confidencialidade, a precisão, a preparação e estudo contínuos (todos necessários à atuação do intérprete comunitário), mas que também são fonte constante de estresse funcional. Os códigos de ética dos intérpretes tentam garantir o profissionalismo imprescindível à atividade, mas acabam por se tornar uma espécie de superego para o qual os intérpretes recorrem como meio de aplacar a inevitável emoção.

No artigo *The Non-Neutrality of Community Interpreting - a cross- and intercultural issue*, Ionescu (2010, p. 11) afirma que “emotionally, it is not easy for an interpreter to stay unbiased”.¹⁶ Esse impacto emocional sobre a atuação do intérprete pode aparecer de variadas formas. Valero-Garcés (2005) cita que especialistas consideram três níveis visíveis de impacto psicológico ou emocional: fisiológico, cognitivo e afetivo. Em nossa pesquisa junto a intérpretes comunitários, além dos efeitos fisiológicos (sensações físicas) e dos efeitos psicológicos, houve significativo número de relatos em que os profissionais afirmaram ter mudado o seu comportamento, valores e visão de mundo em razão de seu contato com imigrantes. Esses dados estão contidos no Capítulo IV.

Um estudo citado por Valero-Garcés que investiga a intervenção da emoção na atividade de interpretação comunitária - conduzido por Karen Baistow na Brunel University,

¹⁵ “precisam ter uma tremenda estabilidade emocional para encarar de forma exitosa certos aspectos presentes na natureza de seu trabalho” (VALERO-GARCÉS, 2005, p. 1, tradução nossa).

¹⁶ “emocionalmente, não é fácil para um intérprete ser imparcial” (IONESCU, 2010, p. 11, tradução nossa).

em 2000 -, em que um dos objetivos foi determinar a extensão, tipo e grau dos efeitos emocionais e psicológicos em conexão com a atividade de interpretação no setor público, os seguintes resultados foram encontrados:

the process of interpreting was also associated to emotional difficulties for a significant proportion of respondents. More than two-thirds of them agreed that they were sometimes upset by the material they had to interpret, and half agreed that interpreting could sometimes make them feel worried and anxious and that they experienced mood or behavior changes in connection with their interpreting work (Baistow 2000: 25). That is, in percentages: 49% experienced mood or behavioral changes related to their work; 76% reported that the effects lasted a few hours, but 50% reported that the effects could last from one to several days (BAISTOW, 2000 *apud* VALERO-GARCÉS, 2005, p. 6).¹⁷

O estudo de Baistow mostrou que o estresse, a frustração, o pesar e a tristeza são as emoções mais citadas em conexão com a atividade de interpretação. Além dessas, mas em menor número de vezes, são citadas a irritabilidade, a raiva e a solidão.

É comum na interpretação comunitária testemunhar, mais que isso, ter que 'recontar' com a própria voz, histórias de vida horrendas, recheadas de sofrimento, perseguições, humilhação, dor e morte. Vivências de testemunhos de assassinatos de familiares, estupros coletivos, decapitações, trabalho forçado, escravidão. Vivências de pessoas que fogem com a roupa do corpo, em barcos infláveis, sujeitas à fome, à miséria extrema, às condições mais humilhantes as quais um ser humano pode ser exposto. Não por acaso muitos intérpretes guardam para a vida lições aprendidas do contato com refugiados e asilados políticos.

Por outro lado, há de se chamar atenção para o fato de que as reações emocionais do intérprete *vis-à-vis* o imigrante não se resumem àquelas que lembram empatia e solidariedade. O choque cultural pode se fazer presente nos hábitos e costumes estrangeiros, mesmo que o intérprete tenha sido treinado para relevar essas esperadas diferenças de comportamento, em razão da cultura de cada um. O mal-estar de alguns

¹⁷ o processo de interpretação também foi associado a dificuldades emocionais para uma proporção significativa dos entrevistados. Mais de dois terços deles concordaram que às vezes ficavam chateados com o material que tinham que interpretar, e metade concordaram que a interpretação às vezes os fazia sentir-se preocupados, ansiosos e que experimentavam mudanças de humor ou de comportamento em conexão com seu trabalho de interpretação [...]. Ou seja, em porcentagens: 49% experimentaram mudanças de humor ou de comportamento relacionadas ao trabalho; 76% relataram que os efeitos duraram algumas horas, mas 50% relataram que os efeitos podem durar de um a vários dias (BAISTOW, 2000 *apud* VALERO-GARCÉS, 2005, p. 6, tradução nossa).

imigrantes ao ser atendido por uma intérprete mulher, as cantadas, o mau cheiro de alguns foram citados em nossa pesquisa como fatores de incômodo.

Klimkiewicz, autora do texto traduzido neste trabalho, argumenta que a interpretação comunitária representa

un terrain propice à l'exploration des sentiments et des émotions qui [...] font irruption et influent sur le déroulement de la communication. Klimkiewicz menciona qu'il y a quelque chose de profondément gênant, de troublant même, dans la visibilité de l'étranger [...], cette présence physique incontournable de l'autre (son corps, sa voix, ses émotions) (KLIMKIEWICZ, 2005, p. 210).¹⁸

Outra situação geradora de mal-estar para o intérprete é a proximidade com criminosos em sessões de interpretação realizadas em juízo. O imigrante pode estar no país em que o intérprete atua para ser julgado por crime cometido em território nacional. As audiências em juízo necessitam da presença de um intérprete, caso o estrangeiro não fale a língua portuguesa - direito que lhe é assegurado por lei. O fato de se estar próximo a um traficante internacional de drogas, testemunhando o relato de atrocidades cometidas por pedófilos e o comportamento cínico e natural de alguns criminosos afeta a sensibilidade de qualquer pessoa, ainda mais de quem, por força da profissão, tem que repetir relatos de tal origem. O pior lado da natureza humana tende a ser revelado em momentos assim e o impacto sobre o intérprete é consideravelmente maior, pois cabe a ele interpretar as palavras da pessoa o mais fielmente possível, inclusive no tom de voz, como numa interpretação feita por um ator, que necessita 'incorporar' um personagem; e a boa interpretação pede a melhor fidelidade possível.

Mais um fator relatado como fonte de estresse são as condições de trabalho de alguns intérpretes, sobretudo os que atuam no Brasil. O país, s.m.j., ainda não dispõe de aparato técnico adequado para a proteção da saúde do intérprete, ou instalações apropriadas para uma escuta menos incômoda aos ouvidos de quem trabalha à distância.

Os intérpretes comunitários que trabalham na área médica - demanda bastante comum de pessoas que chegam ao país com problemas de saúde e precisam ser acompanhados ao médico - estão ainda sujeitos a testemunhar e interpretar as mazelas humanas presentes em questões sérias de saúde, que contornam as emoções inexoráveis da

¹⁸ um terreno propício à exploração dos sentimentos e das emoções que [...] surgem e influenciam o fluxo da comunicação. Klimkiewicz menciona que há algo profundamente constrangedor, até mesmo perturbador, na visibilidade do estrangeiro [...], essa presença física inevitável do outro (seu corpo, sua voz, suas emoções) (KLIMKIEWICZ, 2005, p. 210, tradução nossa).

iminência da morte. Aliás, a lembrança da morte de alguém próximo durante a atividade de interpretação foi tema do questionário de pesquisa.

Em um artigo publicado no site *Connecting Cultures*, Rosales (2014, p. 1) confessa:

Interpreting a pediatric physical for a healthy child, I suddenly found myself fighting the tears that were trying to well up in my eyes. A few days earlier someone dear to me had died, and for no particular reason in the midst of a pediatric exam, I felt a strong pang of grief.¹⁹

Rosales ainda revela que, com o passar dos anos, a vivência dessa e de outras situações enquanto intérprete ensinou que todo mundo carrega um fardo e lida com feridas que são invisíveis aos olhos do outro. A autora faz referência ao que conhecemos como 'trauma vicário', que é uma condição psicossomática apresentada por pessoas que lidam com vítimas de traumas.

Referindo-se à presença da emoção inerente à atividade de interpretação comunitária, entre os depoimentos que colhemos estão os seguintes trechos:

*É, eu acho (...) eu só consegui lidar melhor com o tempo, conhecendo a realidade das pessoas, meio que, as situações que elas vivem, eh, **pra aprender a separar realmente a emoção da objetividade**, ali do que que o momento exige;*²⁰

*Eu... ah... acho que a primeira coisa que acontece é um choque, ah...que seria de adrenalina... de alguma coisa...e o pensamento fixo de que profissionalmente eu deva permanecer neutro e sereno, buscar serenidade nesse momento... **pra conseguir continuar com o atendimento, sem demonstrar esse embaraço pessoal.***²¹

*Mas rola embaraço, rola vergonha, rola, às vezes a sensação de estar falhando, né, **mas aí a gente tem que lidar com o emocional**, né, tem que, acho que principalmente, comigo eu tento muito (...) a humildade, de reconhecer que pode ser que aqui a interpretação não tenha ficado tão satisfatória. Eu preciso reconhecer e encontrar uma maneira de, de, de, né, resolver isso.*²²

*Então, se eu acho que é possível, eu levo a interpretação em frente... **se a emoção, eu sei que ela vai interferir naquele processo**, principalmente nesse processo de refúgio, **eu peço para não interpretar.***²³

*É, não sei, eu acho **que às vezes é difícil manter um ritual protocolar quando você se depara com situações que são muito fortes, muito emotivas**, assim... eu não*

¹⁹ Interpretando um exame físico pediátrico para uma criança saudável, de repente me vi lutando contra as lágrimas que tentavam brotar de meus olhos. Poucos dias antes, uma pessoa querida a mim havia morrido e, sem nenhum motivo em particular, no meio de um exame pediátrico, eu senti uma forte sensação de pesar (Rosales, 2014, p. 1, tradução nossa).

²⁰ Depoimento do sujeito 19.

²¹ Depoimento do sujeito 3.

²² Depoimento do sujeito 6.

²³ Depoimento do sujeito 4.

*acho que existe... eu não que nós estejamos preparados, nós profissionais, para lidar com toda soma de situação que aparece assim... eu acho que é natural, como profissionais e como pessoas humanas, a gente se ver às vezes querendo fazer mais do que já está estabelecido...*²⁴

*Então, a emoção prejudica na tomada de decisões nas nossas vidas. É importante manter esse emocional num quadrado e o racional em outro quadrado, e conseguirmos lidar bem com essas emoções, de uma forma bem separada.*²⁵

*Eu tenho o código de ética pra mim memorizado e eu sempre coloco as minhas emoções contra esse código de ética, e a partir do momento que eu identifico qual, quais os princípios que eu estaria violando nesse caso, se as minhas emoções viessem à tona, eu já coloco elas em cheque e já subjuogo ao código de ética.*²⁶

*Eu acho que existe uma ética, que ela é um tanto aberta, ele não é uma lista de regras, que a gente precisa criar um alvo. É um lugar que a gente tenta chegar, mas existem questões emocionais que podem confundir o nosso julgamento. Eu acho que é uma mistura das duas coisas.*²⁷

*Então eu vou ouvindo a pessoa, só que eu preciso terminar aquele atendimento, senão eu vou cair ali num mar de emoções junto com ela.*²⁸

*Ah... foi que as minhas emoções tomaram controle de mim, e eu quase não pude continuar interpretando, eu tive que interromper, parar pra tomar um copo d'água, pra poder continuar. Era uma coisa que eu não esperava que acontecesse... Não foi que eu me sentisse embaraçada como mulher, mas como profissional, eu não pude continuar com o meu trabalho.*²⁹

*Eu diria que depoimentos emocionais são os que eu menos aprecio, no sentido de que torna meu trabalho mais difícil. Às vezes, quando a história é muito emocionante, que vem aquele (...) na garganta, emocional... pra você interpretar com aquele (...) na garganta é mais complicado.*³⁰

*Estratégia de atriz. (risos) Porque a gente tem que controlar, a gente tem que controlar pensamento. Dá pra interpretar, você pode ouvir, mas você pode pensar em outra coisa.*³¹

*Então, quando eu preciso assim, fazer uma pausa, né, se eu tô me sentindo com mais emoção, eu simplesmente olho pras minhas anotações e meio que me dá um foco de novo... ah, ok, é isso que eu tenho que dizer, é essa a mensagem que eu tenho que passar adiante.*³²

Pode-se 'ler' de forma clara a presença da emoção no exercício do *métier* de intérprete comunitário; e o impulso de sua evitação. A língua inglesa possui um verbo que

²⁴ Depoimento do sujeito 2.

²⁵ Depoimento do sujeito 1.

²⁶ Depoimento do sujeito 18.

²⁷ Depoimento do sujeito 20.

²⁸ Depoimento do sujeito 16.

²⁹ Depoimento do sujeito 15.

³⁰ Depoimento do sujeito 14.

³¹ Depoimento do sujeito 13.

³² Depoimento do sujeito 12.

retrata com perfeição esse movimento: *to fight back something* (= *tried hard not to show or produce*, segundo exemplo do dicionário online Cambridge). O movimento de escape exige *to fight back emotions*: não ‘demonstrar’ ou (se possível) não ‘produzir’ emoções.

Para adentrar tal campo de batalha consigo mesmo, o intérprete necessita de um escudo, de um elmo, aliás, de uma armadura inteira. Os três elementos podem ser representados pelo... ‘Código de Ética’, a mais citada ‘arma’ utilizada pelos intérpretes para lutar contra as emoções. Na função de escudo, o código de ética protege o intérprete de ataques fulminantes da emoção, que podem desestabilizar o guerreiro e jogá-lo ao chão; na função de elmo, o código de ética está sempre presente sobre a cabeça do intérprete, lembrando que seu papel não permite a presença de emoções; na função de armadura, o código de ética impede a condição natural de ‘ser’ humano, pois ele veste o intérprete de uma roupa de ferro que o deixe íntegro, preciso, imparcial, discreto, qualificado, fiel, leal; alguém capaz de evitar conflitos de interesse, de guardar confidencialidade total sobre tudo que tem conhecimento, de estudar continuamente, de ser digno de crédito, cortês, de possuir decoro e disciplina... Apresento-vos o superintérprete!

CAPÍTULO III - DIMENSÃO CONCEITUAL

A Psicologia Intercultural - também conhecida como Psicologia Cultural Comparada - estuda as diferenças de comportamento e processos mentais entre pessoas advindas de diferentes identidades culturais, assim como aspectos da Psicopatologia da Imigração. A esse respeito, a obra de Paiva³³, de 1978, é uma das mais referenciadas no Brasil.

Paiva (1978, p. 1) ressalta a correlação entre cultura e Psicologia na obra de autores consagrados: Wundt fala da *Psicologia dos Povos, a Völkerpsychologie, entre 1900 e 1920*; Freud conecta as duas áreas em *Totem e Tabu* e em *O mal-estar na civilização* (ambas citadas pelo autor nas edições de 1974); os estudos de Jung sobre os arquétipos trouxeram considerações sobre o *inconsciente coletivo*, da década de 1950. O mesmo se dá com Henderson, que trouxe à baila o *inconsciente cultural*, ainda na década de 1990.

De fato, a Psicologia Intercultural apresenta-se como campo de estudo de culturas em contato, o que - em tese - pode levar a conflitos de identidade e dificuldade de adaptação. Estudos sobre contatos culturais breves, realizados com intercambistas (nomenclatura utilizada pelos autores das pesquisas para se referir aos estudantes que vão estudar em países estrangeiros, por tempo determinado), foram levados a cabo por pesquisadores.

Sá (2018) apresenta seu ponto de vista sobre os efeitos nocivos que podem advir do choque intercultural:

A experiência com a pluralidade intercultural também pode representar fatores nocivos ao sujeito, impactando a sua forma de perceber e estar no mundo. Esses fatores são compreendidos como realidades negativas, características tidas como confusas ou assustadoras. Algumas dessas realidades são: a distância de casa que gera nostalgia e saudade de forma acentuada, assim como, quando há dificuldade de interação e estabelecimento de relações com o povo local, limitações idiomáticas e de dificuldade de acessibilidade a bens e serviços, dentre outras (SÁ, 2018, p. 67).

Em outro estudo com intercambistas, Sebben (2001) vai apresentar o lado positivo do contato com outras culturas, citando o que chama de *Educação Intercultural* - iniciada na Europa -, que se configura como uma espécie de preparação dada a quem busca estudo fora do país. A *Educação Intercultural* é caracterizada por promover a aproximação, o respeito mútuo e a igualdade nas relações entre o intercambista e a cultura estrangeira. No estudo

³³ PAIVA, Geraldo J. Introdução à Psicologia Intercultural.

de Sebben, entre os frutos da troca intercultural dos intercambistas destacam-se o enriquecimento pessoal no encontro intercultural e a satisfação de se sentirem mais tolerantes frente às diferenças culturais. Coincidentemente, esses depoimentos ecoam as citações dos intérpretes entrevistados para este trabalho: maior tolerância, maior humildade, maior reflexão sobre a condição do refugiado são citadas como ganhos existenciais dos intérpretes comunitários.

Apesar da diferença significativa entre um intercambista e um imigrante, podemos afirmar que as duas vivências possuem pontos em comum, por serem ambas realizadas no território do 'outro', longe de casa, distante do apoio de amigos e/ou da família. A diferença fundamental se dá no fator temporal: o intercambista permanece no país estrangeiro por pouco tempo, em comparação com o imigrante, que - ao contrário - busca o novo lugar com uma perspectiva de tempo mais prolongada, com o objetivo de se estabelecer. Outra diferença se dá no estado psicossocial de ambos: enquanto um vai contar com recursos financeiros para realizar seus estudos (condição *sine qua non* para ser aceito no país estrangeiro como estudante) e com o apoio social da escola e dos colegas, não é incomum que um solicitante de refúgio ou asilo chegue a um país estrangeiro com carência de recursos, sejam eles financeiros, psicológicos ou sociais.

Há de se reconhecer que os desafios do imigrante são superlativos. Dantas (2017, p. 68) destaca que “os deslocamentos e seus contatos interculturais apresentam desafios subjetivos profundos, tanto para quem imigra como para as sociedades que recebem os novos grupos”. O autor (2017, p. 62) ainda pontua que “problemas de saúde mental geralmente emergem durante a aculturação”, a depender do contexto e de variáveis individuais. É inegável que a simples mudança para um novo país - geralmente em condições adversas, como é o caso do solicitante de refúgio/asilo -, deixando para trás uma cultura (a própria) para integrar outra (a de quem recebe) é em si um fator de estresse. E quando o estresse se apresenta, Dantas (2017, p. 62) lembra que “é comum que ocorra aumento de ansiedade, depressão, sentimentos de marginalização e alienação, aumento de sintomas psicossomáticos e confusão identitária”. Como encarar esse quadro, derivado do choque intercultural?

Recupero *et al.* organizam a classificação de Berry, descrita em seu artigo *A Psychology of Immigration*, de 2001, no qual o autor apresenta quatro estratégias utilizadas por imigrantes para lidar com a cultura do país que o acolhe:

- Assimilation, where the person prefers not to maintain his cultural heritage and seek continuous interactions with the culture of the hosting country;
- Separation, where the person tries to preserve the attachment to the culture of origin and avoid the contact with the culture of the hosting country;
- Integration, where the person tries to engage within both cultures;
- Marginalization, or detachment from both cultures (RECUPERO *et al.* 2018, p. 1).

34

A *separação* e a *marginalização* se apresentam como movimentos de esquiva do conflito a que o imigrante está sujeito, podendo ser interpretados como mecanismos de defesa, que são caminhos utilizados pela mente para evitar o sofrimento. A *assimilação* e a *integração*, do modo como Recupero *et al.* as apresentam, dependem sobremaneira do estabelecimento da esperada integração intercultural, da comunicação fluida, que - até que o imigrante aprenda a língua local - é o maior obstáculo a ser vencido no território estrangeiro; especialmente porque o diálogo a ser estabelecido com o 'outro' auxilia a percepção da nossa própria identidade. Dizem que conhecemos melhor o nosso país quando estamos longe dele. Castelain (2015, p. 111) corrobora: "la barrière de la langue s'érige haute quand il s'agit de se rencontrer vraiment. On peut dire, fermement, que l'interprète permet la rencontre. Sans lui, elle est impossible".³⁵

Conflitos de identidade se apresentam como uma questão existencial. E por promover esse questionamento, o fenômeno da imigração desperta o interesse da Psicologia. Pereira e Gil Filho (2020, p. 196), ao realizarem uma leitura da mundanidade do luto de migrantes, refugiados e apátridas, arrematam: "a dimensão existencial da migração tem despertado o interesse de áreas como a Antropologia, a História e a Psicologia", esta última interessada nos processos emocionais e cognitivos na atividade de interpretação.

Dylman, Champoux-Larsson e Zakrisson (2020, p. 3) reconhecem "the fields of cultural psychology, psycholinguistics, and emotion have traditionally been studied primarily

³⁴ - Assimilação, quando a pessoa prefere não manter sua herança cultural e buscar interações contínuas com a cultura do país anfitrião;

- Separação, quando a pessoa tenta preservar o apego à cultura de origem e evitar o contato com a cultura do país anfitrião;

- Integração, quando a pessoa tenta se engajar dentro de ambas as culturas;

- Marginalização, ou desprendimento de ambas as culturas. (RECUPERO *et al.* 2018, p.1, tradução nossa).

³⁵ "a barreira do idioma cresce bastante quando se trata de conhecer alguém de fato. Podemos afirmar, com certeza, que o intérprete permite o encontro. Sem ele, é impossível" (CASTELAIN, 2015, p. 111, tradução nossa).

independently from each other [...], however, there is an increasing bulk of research showing noteworthy connections between them”.³⁶

Ora, as variáveis psicológicas que afetam o imigrante afetam igualmente aquele que recepciona ‘sua voz’: o intérprete. As oscilações emocionais e valorativas valem tanto para quem chega quanto para esse ‘anfitrião’. Daí a pertinência da presente pesquisa, que analisa o reflexo das emoções e faz uma leitura valorativa de depoimentos de intérpretes comunitários, com a pretensão de unir quatro áreas de estudo (Interpretação/Tradução, Psicologia, Relações Internacionais e Direito), e contribuir com a expansão dos estudos que aproximem fatores psicológicos e culturais no âmbito da interpretação comunitária.

Existe ainda um grande vácuo sobre como lidar com as condições psicológicas do intérprete. Para lidar com as condições psicológicas do imigrante - que na condição de refugiado chega ao país fragilizado em sua identidade, sendo obrigado a uma reorganização identitária -, há aqueles que defendem a estruturação de um apoio psicológico institucional voltado a imigrantes em processo de refúgio ou asilo.

Dantas, em artigo publicado no livro *Psicologia Social e Saúde: da dimensão cultural à político-institucional*, dá o tom da tipologia de trabalho psicológico realizado junto a migrantes:

No trabalho psicológico com migrantes, adotamos a técnica de psicoterapia breve e orientação a partir de uma perspectiva intercultural psicodinâmica. O desafio para o terapeuta que se lança para além de seu *milieu* cultural é o peso que dará ao universal e ao culturalmente específico e como mudar de uma referência a outra ou como combinar ambas (DANTAS, 2011, p. 86).

Assim sendo, ao diálogo interlinguístico e intercultural se somaria o diálogo psicossocial, de caráter profilático: um diálogo integrativo entre o físico, o psicológico, o espiritual e o humano, todos necessários à integração do imigrante em seu novo lugar e à elaboração de sua nova identidade. Tal diálogo não pode prescindir da participação do intérprete, das instituições nacionais e internacionais, além das sociedades mundiais.

Paiva (1978, p. 61) conclui:

É comumente admitido que o melhor conhecedor da própria cultura é aquele que tem a oportunidade de entrar em contato com povos e países diferentes do seu,

³⁶ “os campos da psicologia cultural, psicolinguística e emoção têm sido tradicionalmente estudados principalmente de forma independente uns dos outros [...], no entanto, há um volume crescente de pesquisas mostrando notáveis conexões entre eles” (DYLMAN; CHAMPOUX-LARSSON; ZAKRISSON, 2020, p. 3, tradução nossa).

Na experiência dessa pessoa sobressaem, geralmente, num primeiro momento, as diferenças entre as culturas, maior familiaridade e convivência com o novo e o desconhecido possibilita, a seguir, o reconhecimento de semelhanças.

No âmbito do estudo da psicologia de grandes grupos, o dos imigrantes - que tende a aumentar, em razão dos fluxos migratórios crescentes - merece atenção especial um projeto amplo de suporte psicossocial a ser institucionalizado pelo Estado, de modo a minimizar problemas decorrentes da integração cultural. Quanto ao estudo da psicologia do intérprete, voltaremos a esse tema na continuidade deste trabalho.

CAPÍTULO IV – DIMENSÃO DOS RESULTADOS

A metodologia utilizada neste trabalho obedeceu a duas ordens: a primeira diz respeito aos aspectos ligados à tradução do texto de partida; a segunda aos aspectos relacionados à coleta de dados junto a 20 intérpretes comunitários, todos de nacionalidade brasileira, atuando dentro ou fora do país.

Na primeira ordem, foram seguidos os seguintes passos:

- i. Identificação de terminologia e fraseologias de maior complexidade no texto original;
- ii. Anotação das Unidades de Tradução (UT) problemáticas;
- iii. Anotação das possibilidades de tradução das UTs;
- iv. Adequação de terminologia e fraseologias ao texto de chegada;
- v. Anotação das razões de escolha na tomada de decisão final.

Na segunda ordem, utilizamos o instrumento da entrevista para colher pontos de vista de intérpretes que tenham atuado ou atuem com imigrantes em geral, podendo esses imigrantes ser solicitantes de refúgio, de asilo ou detentos que estejam respondendo a processos por crimes cometidos no país. Os intérpretes participantes atuam junto a instituições públicas ou organizações não governamentais que operam em prol desse público. Os dados relativos à primeira parte serão explorados no capítulo dedicado à tradução comentada.

A entrevista com os sujeitos foi realizada por meio virtual, via aplicativo *WhatsApp Messenger*, sendo utilizado apenas o canal por voz, sem vídeo. Ao evitar a transmissão da imagem, nosso objetivo foi deixar o entrevistado mais à vontade, já que o tema da entrevista tocava elementos de natureza emocional e valorativa.

O recrutamento de respondentes se deu por indicação de professores da Universidade de Brasília ou intérpretes convidados por colegas tradutores que sabiam da necessidade de sujeitos para esta pesquisa.

O instrumento de escuta é composto de 21 questões, sendo elas fechadas, abertas ou semiabertas. Ele foi conduzido pela pesquisadora, ela mesma psicóloga. As questões tinham por finalidade avaliar a vivência de aspectos emocionais e valorativos na atuação do intérprete comunitário, além de conhecer como essa vivência é vista e elaborada emocional

e cognitivamente por esse profissional. Os profissionais percebem a presença das emoções antes, durante ou depois das seções de interpretação? Se eles percebem, como reagem a elas?

Dentre as questões apresentadas, algumas pretendem fazer uma leitura do aprendizado existencial do intérprete: até onde o contato profissional com imigrantes trouxe mudanças no comportamento, na conduta ou na percepção da realidade vivida por esse profissional? Para captar tais sutilezas, foram anotados quaisquer comentários feitos pelo entrevistado, mesmo nas questões fechadas. Todas as entrevistas haviam sido gravadas.

Propositadamente algumas questões tocavam temas assemelhados, numa ‘espécie’ de segunda leitura, de modo a detectar possíveis acréscimos ou contradições no ponto de vista do intérprete.

Para efeito de avaliação, as questões foram divididas em quatro tipos, conforme a seguir:

- INT - Questões de identificação do entrevistado, no total de três.
- EMO - Questões investigativas de emoção, no total de onze.
- VAL - Questões investigativas de valor, no total de quatro.
- EXI - Questões investigativas existenciais, no total de três.

As questões do tipo EMO tocam o coração da pesquisa e do texto a ser traduzido, pois visam detectar possíveis reações dos intérpretes, identificadas como variáveis emocionais intervenientes³⁷, na vivência de sua atividade profissional. As questões do tipo VAL objetivam verificar reações a valores culturais em confronto, valores ditos humanos (tais como empatia, solidariedade, respeito etc.), além de investigar o conhecimento dos limites da atuação dos intérpretes comunitários.³⁸

A seguir apresentaremos a tabulação de cada questão, com exceção da questão 21, que, assemelhada à questão 20, tinha como objetivo dar ao entrevistado uma última oportunidade de dar livre fluxo ao discurso. Em geral, as respostas à pergunta 21, quando

³⁷ Grosso modo, uma variável interveniente é aquela que afeta o fenômeno observado, mas que não pode ser vista ou mensurada. No caso desta pesquisa, a variável interveniente é a presença da emoção decorrente do contato com imigrantes em situação de refúgio, asilo ou envolvidos em crimes cometidos no país. O conceito foi criado por Tolman e citado no seu livro publicado em 1932, *Purpositive Behavior in Animal and Men*.

³⁸ No processo de aceitação da estada de um estrangeiro no Brasil, o imigrante tem contato com servidores públicos, intérpretes, defensores públicos, ou até juízes, advogados e promotores – em caso de cometimento de crimes tipificados no país.

dadas, repetiam àquelas dadas à questão 20. No entanto, elas serviram de base para a discussão dos capítulos sobre valores e a emoção. Antes da leitura das questões para o entrevistado, o texto abaixo foi lido - a título de preâmbulo:

“Esta entrevista tem por finalidade avaliar aspectos emocionais e valorativos presentes durante o atendimento aos solicitantes de refúgio ou asilo no Brasil. Por tratar-se de uma pesquisa acadêmica, a identificação do entrevistado será mantida em sigilo. Para que nosso estudo reflita o aspecto humano presente no exercício profissional, pedimos que sua resposta seja a mais completa e precisa possível. Para fins de melhor compreensão e reflexão sobre as questões, cada uma delas será repetida uma vez.

Este questionário é composto de 21 perguntas.

*Quando a palavra ‘atendimento’ for utilizada, considere o momento em que você tem contato com o refugiado, no seu exercício profissional. **Utilizaremos a palavra ‘refugiado’ para se referir à pessoa em atendimento, tenha ela já conseguido tal status ou não, ou para se referir ao asilado, ou membro de sua família em atendimento. “Seja em que tipo de situação for: entrevista, interpretação, audição, julgamento, interrogatório...”***³⁹

A parte em negrito era lida com maior ênfase, já que os intérpretes respondentes trabalhavam com diferentes tipologias de imigrantes, e em diferentes localidades: refugiados, asilados, criminosos... na Polícia Federal, no Ministério da Justiça, na Defensoria Pública da União, em juízo ou em organizações não-governamentais. No final da entrevista, o intérprete era solicitado a não divulgar o conteúdo da pesquisa até que ela fosse publicada. O texto completo da entrevista consta como Apêndice III deste trabalho.

Os 20 intérpretes considerados nesta pesquisa são de nacionalidade brasileira, residindo em território nacional ou ao norte do continente americano (tabela 1). O percentual de 75% acima de 35 anos de idade, em adição aos 65% com mais de três anos de experiência na interpretação comunitária revela uma significativa maioria de respondentes com experiência de vida e profissional consideráveis. Nove entre dez intérpretes entrevistados são do sexo feminino, o que chama atenção para o fato de que essa atividade provavelmente seja mais exercida por mulheres que por homens.

De modo a corroborar essa afirmação, esta pesquisadora solicitou junto a três entidades de classe o percentual de homens e mulheres que atuam como intérpretes registrados em cada uma delas. A Associação de Profissionais de Tradução e Interpretação (APTRAD), localizada em Portugal, informou, em 04 de novembro de 2020, que 76,6% dos seus filiados são do sexo feminino. A Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes

³⁹ A parte em negrito era lida com mais ênfase pela pesquisadora.

(ABRATES) informou, em 09 de novembro, que 71% de seus associados são do sexo feminino. Infelizmente, até o final do mês de novembro não havíamos recebido os mesmos dados solicitados ao Sindicato Nacional dos Tradutores (SINTRA).

Tabela 1 - Questões de avaliação 1 a 3, do tipo INT

Variáveis	n	%
Faixa etária		
18-25	0	0
26-35	5	25
36-45	7	35
>45	8	40
Sexo		
masculino	2	10
feminino	18	90
Tempo de trabalho		
< 1 ano	2	10
> 1 ano até 3 anos	5	25
>3 anos até 9 anos	9	45
> 9 anos até 20 anos	4	20

Fonte: elaborada pela autora.

Tabela 2 – Questão 4: primeira questão de avaliação do tipo EMO

Relações humanas não prescindem de envolvimento emocional. No exercício de sua atividade profissional, em contato com refugiados ou asilados, houve situações em que a história/situação do indivíduo tenha afetado sua sensibilidade?		
ALTERNATIVA	n	%
Sim	16	80
Não	4	20

Fonte: elaborada pela autora.

Com a questão 4 (tabela 2) a pesquisadora dá início ao principal tema em estudo: o fator emocional presente na interpretação comunitária. A afirmação contida na primeira frase da questão tem o objetivo de poupar o entrevistado de, logo na primeira questão após a identificação, ter que afirmar - ele mesmo - que todo ser humano tem que conviver com a emoção no exercício da sua atividade laborativa, verdade que cremos ser incontestável. A segunda parte do enunciado já coloca o intérprete diretamente no foco da pesquisa. Os resultados mostram que a grande maioria dos pesquisados (80%) admite ter passado por situações em que se sentiu de alguma forma sensibilizada pelo contato com imigrantes.

Tabela 3 - Questão 5: segunda questão de avaliação do tipo EMO

Com que frequência a história/situação em que o refugiado se encontra traz uma carga emocional muito forte?		
ALTERNATIVA	n	%
Frequentemente	0	0
Às vezes	5	25
Raramente	7	35
Nunca	8	40

Fonte: elaborada pela autora.

Na questão 5 (tabela 3), passado o impacto da primeira questão que toca o tema central, a pesquisadora vai se aprofundando no âmago da questão emocional, indagando em que proporção as emoções presentes na atividade de interpretação comunitária, já admitidas - ou não - na questão 4 são muito fortes. Nesta pergunta chama atenção o percentual relevante de 40% (nunca), percentual que tende a ser contradito nas questões posteriores.

A questão 6 (tabela 4) tem como objetivo confrontar as respostas dadas nas questões anteriores. Ela coloca o entrevistado face a face com as reações físicas, psicológicas e comportamentais que possam advir do contato profissional com imigrantes em processo de aceitação legal no país, ou em processo de julgamento por crime cometido em território nacional. Conforme o enunciado da questão, o entrevistado é convidado a revelar a importância que atribui às citadas reações, revelando o que já tenha vivenciado em razão da atividade de interpretação comunitária. Na questão 6, um exemplo aleatório de sensações físicas, pensamentos ou percepções de mudança do próprio comportamento às vezes era citado, de modo a facilitar a compreensão do enunciado.

Os percentuais revelam que entre 70 e 85% dos sujeitos atribuem média ou grande importância a cada um dos fatores citados, o que indica que reações emocionais derivadas da atividade de interpretação são dignas de atenção. Se assim é, qual a razão de 40% dos sujeitos terem revelado na questão 5 que ‘nunca’ a história ou situação do refugiado (aqui entendido como termo geral para se referir a imigrante, conforme afirma o preâmbulo da entrevista) traz uma carga emocional muito forte? Perguntamos-nos se essa aparente contradição se dá em razão do adjetivo “forte”. Teriam esses 40% admitido, caso isso fosse investigado, cargas emocionais leves ou medianas na história de refugiados? Por outro lado, os percentuais encontrados na questão 6 podem simplesmente significar que nas questões

iniciais os entrevistados tendem a se esquivar da admissão de que fortes emoções permeiam sua atividade profissional, vindo a admitir isso posteriormente.

Tabela 4 - Questão 6: terceira questão de avaliação do tipo EMO

As emoções para com um caso podem ser identificadas antes, durante ou depois de um atendimento. Estamos falando das suas emoções. Essa resposta emocional pode surgir POR meio de sensações físicas (respostas do organismo tais como taquicardia, disfunções do intestino, dor de cabeça, tremores, choro, insônia, etc). Considerando as experiências que você teve (desde o início da atividade de intérprete), que grau de importância você daria às suas respostas emocionais (sensações físicas), a partir de sua própria experiência?

As emoções para com um caso podem ser identificadas antes, durante ou depois de um atendimento. Estamos falando de você. Essa resposta emocional pode surgir POR pensamentos (respostas psicológicas, tais como sentimento de pena, desconfiança, empatia, raiva, etc). Considerando as experiências que você teve (desde o início da atividade de intérprete), que grau de importância você daria às suas respostas emocionais (pensamentos), a partir de sua própria experiência?

As emoções para com um caso podem ser identificadas antes, durante ou depois de um atendimento. Estamos falando de você. Essa resposta emocional pode surgir POR percepções de alteração do próprio comportamento a partir de experiências com refugiados. Considerando as experiências que você teve (desde o início da atividade de intérprete), que grau de importância você daria às suas respostas emocionais (percepções de mudança de comportamento), a partir de sua própria experiência?

	Grande importância	%	Média importância	%	Pequena importância	%
Sensações físicas	8	40	6	30	6	30
Pensamentos em relação ao refugiado	9	45	8	40	3	15
Percepção de mudança do próprio comportamento	13	65	5	25	2	10

Fonte: elaborada pela autora.

Tabela 5 - Questão 7: quarta questão de avaliação do tipo EMO

Em contato com refugiados, dado o poder discricionário que toda atividade profissional possui, são possíveis situações nas quais se corre o risco de obedecer à própria consciência, ou sentimentos, em vez de obedecer a normas ou técnicas profissionais. No meio profissional que você representa enquanto intérprete, com que frequência esse tipo de situação acontece? Ou seja, com que frequência você obedece a própria consciência, ao invés de obedecer à norma ou à técnica?		
ALTERNATIVA	n	%
Frequentemente	2	10
Às vezes	5	25
Raramente	8	40
Nunca	5	25

Fonte: elaborada pela autora.

A questão 7 (tabela 5) está baseada em argumentação presente no texto traduzido neste trabalho. Aqui o sujeito é uma vez mais confrontado com as reações emocionais que

pode encarar no dia a dia. A pesquisadora continua aprofundando o tema da emoção, no intuito de deixar o entrevistado mais à vontade para admitir a pertinência do tema. A situação aqui proposta questiona a atitude do sujeito frente a situações geradoras de conflitos entre a razão e a emoção: em situações assim, tendo o intérprete limitado poder discricionário, ele prefere seguir sua consciência, deixando a norma ou a técnica temporariamente em plano secundário? O resultado indica que 40% dos respondentes declara que raramente situações assim acontecem. No entanto, conforme já assinalamos, após ler os resultados de todas as questões, observamos que à medida que a entrevista se aprofunda os sujeitos vão se sentindo mais à vontade para expor suas fragilidades emocionais.

Tabela 6 - Questão 8: quinta questão de avaliação do tipo EMO

Quando situações assim acontecem (obedecer à própria consciência ao invés da norma ou da técnica), a que você atribui a decisão tomada?		
	n	%
Sou imparcial	3	12
Lembro do Código de Ética	2	8
Sigo as normas	2	8
Sigo as regras	2	8
Sou profissional	2	8
Ajo de acordo com as circunstâncias do momento	1	4
Ajo de acordo com o papel do intérprete	1	4
Ajo para esclarecer como funciona a burocracia	1	4
Ajudo na adaptação cultural	1	4
Evito depoimentos muito emocionais	1	4
Faço a mediação cultural	1	4
Fujo à regra quando alguém prejudica meu trabalho	1	4
Lembro do Código de Ética, mas às vezes o esqueço, inconscientemente	1	4
Não acho que a ética e a técnica sejam inflexíveis	1	4
Observo a fragilidade sociocultural do assistido	1	4
Sigo a descrição da tarefa do intérprete	1	4
Sigo a técnica	1	4
Sigo os parâmetros legais	1	4
Tenho dificuldade de manter o ritual protocolar	1	4
Total	25	100

Fonte: elaborada pela autora.

A questão 8 (tabela 6) é aberta, tendo o entrevistado respondido de forma espontânea. Para efeito de tabulação, foi extraída das respostas às questões abertas a ‘essência’ do que foi dito pelos sujeitos; ou seja, o elemento nuclear do(s) sintagma(s) que expressa(m) a resposta direta à questão. Comparando as respostas que parecem indicar um

desprendimento da rigidez das normas, da técnica e do código de ética com aquelas que se atêm fortemente a eles, verificamos que as duas posições estão em situação de quase igualdade. A primeira soma um percentual de 40%, enquanto a segunda mostra 60%.

Tabela 7 - Questão 9: primeira questão de avaliação do tipo VAL

Durante o atendimento, o solicitante tem uma queda de pressão ou outra intercorrência que o deixe pálido, limitado em sua fala. Você percebe que isso ocorreu em razão de fome. Diante das possíveis opções que você possui, o que você faz?		
	n	%
Alerto as pessoas próximas	12	60
Dou (damos) alimento à pessoa	4	20
Não faço nada	1	5
Interrompo a sessão e peço alimento a alguém	1	5
Termino o trabalho e ajudo	1	5
Aguardo e se ninguém aje eu aviso a outras pessoas	1	5
Total	20	100

Fonte: elaborada pela autora.

A questão 9 (tabela 7) toca temática valorativa. Também foi respondida de forma espontânea, com livre escolha de palavras pelo respondente. Ela tem como intuito avaliar a reação do intérprete perante situações práticas que podem surgir, o que de fato foi confirmado por alguns respondentes que disseram que essa situação não é incomum quando lidamos com pessoas que podem estar desnutridas e em situação de vulnerabilidade psicossocial. A maioria dos respondentes (60%) faz apenas o que está ao seu alcance (alertar a terceiros presentes), o que vem ao encontro da restrição de ação a que o intérprete está sujeito por determinação normativa, técnica ou ética.

Tabela 8 – Questão 10: sexta questão de avaliação do tipo EMO

Ao ver o solicitante pela primeira vez, sua aparência faz com que você lembre imediatamente de um amigo querido, falecido há menos de um mês. Você considera que esse flashback pode influenciar positivamente sua boa vontade face ao refugiado?		
ALTERNATIVA	n	%
Sim	3	15
Não	17	85

Fonte: elaborada pela autora.

A questão 10 (tabela 8) explora conteúdos psicológicos mais profundos, fazendo com que alguns respondentes tomassem algum tempo para refletir antes de respondê-la ou respondessem de supetão. Os resultados mostram 85% dos respondentes dizendo 'não'. De fato, situação análoga é discutida no texto de Rosales (2014) que avalia as condições psicológicas a que estão sujeitos os intérpretes que atuam na área médica, cujo trecho de importância foi inserido no Capítulo II.

A questão 11 (tabela 9) explora a reação dos sujeitos diante de situações de estranhamento cultural. A maioria (80%) dos respondentes afirma não reagir a impressões de aparente desrespeito à pessoa do intérprete. No entanto, situações reveladoras de desconfortos emocionais de diversas origens são apresentadas no Capítulo II, a partir de comentários feitos em questões abertas.

Tabela 9 - Questão 11: segunda questão de avaliação do tipo VAL

O tom de voz, a expressão facial ou a postura corporal do solicitante, mesmo que de forma não ostensiva, faz com que você se sinta desrespeitado. Você não sabe se somente você o enxerga como desrespeitoso, se é apenas algo "da sua cabeça". Você percebe que a sua própria voz, sua expressão facial ou sua postura corporal reflete aquela que você entendeu ser a do solicitante?		
ALTERNATIVA	n	%
Sim	4	20
Não	16	80

Fonte: elaborada pela autora.

Tabela 10 - Questão 12: terceira questão de avaliação do tipo VAL

O solicitante cai em contradição em uma determinada informação. Você atribui ao nervosismo da situação. Alguns minutos depois, outra leve contradição é percebida. No entanto, o solicitante preenche os requisitos legais para sua deliberação positiva. Você confia na sua intuição para ignorar tais contradições ou adia a decisão favorável ao solicitante, para melhor julgamento da situação?		
ALTERNATIVA	n	%
Sim	2	10
Não	1	5
Não se aplica	17	85

Fonte: elaborada pela autora.

A questão 12 (tabela 10) avalia a atenção do intérprete à pesquisa, já que inquirere sobre uma atribuição que não lhe cabe: decidir sobre solicitações de imigrantes não é tarefa de intérpretes. Mesmo assim, 15% dos respondentes não atentaram para os limites de suas atribuições, revelando desatenção ou não compreensão da pergunta.

Tabela 11 - Questão 13: sétima questão de avaliação do tipo EMO

No trato com os refugiados, no exercício da sua profissão, que momento você mais aprecia?		
	n	%
O momento do interrogatório	1	5
O tempo todo	6	30
O momento final	1	5
O momento inicial	3	15
Nenhum	3	15
O momento final, se houve uma boa comunicação	2	10
Depois da interpretação	1	5
No final, se o resultado é positivo para o assistido	3	15
Total	20	100

Fonte: elaborada pela autora.

A questão 13 (tabela 11) visa identificar que momento da interpretação deixa o intérprete mais à vontade; em outras palavras, o momento que gera menos estresse ou maior interesse do entrevistado. Sendo também uma questão aberta, as respostas constantes da tabela representam a ‘essência’, ou núcleo de um sintagma, das respostas dadas pelos intérpretes. Um aspecto interessante a observar são as duas respostas completamente opostas: ‘o tempo todo’ (30%) e ‘nenhum’ (15%), sendo o valor da primeira exatamente o dobro da segunda.

Nota-se que 20% das respostas - resultado da soma da resposta ‘nenhum’ e da resposta ‘depois da interpretação’, parecem apontar que 1/5 dos respondentes não se sente confortável durante uma interpretação. Nos perguntamos: este percentual de intérpretes está atuando em uma área (a interpretação comunitária) na qual não se sente de fato atraído? Se assim for, por que o fazem?

A questão 14 (tabela 12), respondidas de forma livre, visa identificar que momento da interpretação deixa o intérprete menos confortável. As respostas são mais diversificadas do que na questão anterior (contrária a esta). A leitura da maioria das respostas parece apontar a presença do fator emocional na identificação de momentos desagradáveis, seja

pelo desconforto de atuar em locação diversa da que o intérprete costuma atuar, por empatia pela demanda do imigrante, ou até mesmo pela 'exposição' a situações de violência. Os fatores são variados.

A questão 15 (tabela 13) tem por base uma afirmação contida no texto traduzido e identifica alterações na voz do intérprete, causadas por questões emocionais. Os percentuais aqui encontrados (80%) corroboram os valores obtidos na questão 6 (tabela 4). No entanto, tal como naquela questão, eles contradizem os resultados mostrados na questão 5 (tabela 3). Ainda uma vez mais observamos que de forma geral os respondentes tendem a ficar mais à vontade para revelar fragilidades emocionais à medida que avançamos na entrevista.

Tabela 12 - Questão 14: oitava questão de avaliação do tipo EMO

No trato com os refugiados, no exercício da sua profissão, que momento você menos aprecia?		
	n	%
Atuar fora da minha instituição	1	5
Fazer o follow-up de histórias desconhecidas	1	5
Interpretar para alguém que obviamente está mentindo	1	5
Muitas repetições, perguntas não respondidas, histórias muito detalhadas	1	5
Nenhum	1	5
No final, se o resultado é negativo para o assistido	2	10
O momento inicial	2	10
Ouvir histórias pesadas que me afetam depois	1	5
Ouvir relatos de maltratos e violência	1	5
Quando a atuação do advogado prejudica o assistido	1	5
Quando a comunicação é comprometido por conflitos	1	5
Quando o assistido flerta ou rejeita uma intérprete por ser mulher	1	5
Quando o assistido não se expressa bem ou desconhece direitos	1	5
Quando o intérprete é visto como táboa de salvação	1	5
Quando sinto desconforto emocional	2	10
Testemunhar a burocracia	1	5
Testemunhar preconceito	1	5
Total	20	100

Fonte: elaborada pela autora.

A questão 16 (tabela 14), também de avaliação valorativa, considera a percepção das relações de poder entre as duas partes para quem o profissional interpreta: o imigrante e a pessoa que representa o poder institucional. Tal como algumas outras questões da entrevista, ela tem por base informações contidas no texto traduzido. Os resultados encontrados são esperados, já que uma das partes (o imigrante) pede permissão para permanecer em um país - ou está respondendo a um processo criminal -, enquanto a outra

parte (a autoridade do país) concede tal permissão ou possui o poder de aliviar ou anular uma acusação por crime.

Tabela 13 - Questão 15: nona questão de avaliação do tipo EMO

Mesmo quando imperceptíveis para os outros, certas situações podem gerar em você algum embaraço; e tais embaraços podem por em risco o fluxo da sua fala, ensejando desaceleração, descarrilamento ou mesmo o seu bloqueio verbal. Você já vivenciou qualquer um desses fenômenos?		
ALTERNATIVA	n	%
Sim	16	80
Não	4	20

Fonte: elaborada pela autora.

Tabela 14 - Questão 16: quarta questão de avaliação do tipo VAL

O pensamento tem fluxo constante; daí a dificuldade de muitos em realizar atividades de meditação. Enquanto ouvimos, ainda assim pensamos. Considerando que a relação entre um solicitante de refúgio e alguém que participa de sua aceitação legal em outra cultura é uma relação assimétrica, com que frequência as relações de poder entre os dois lados passa por sua cabeça?		
ALTERNATIVA	n	%
Frequentemente	10	50
Às vezes	6	30
Raramente	3	15
Nunca	1	5

Fonte: elaborada pela autora.

Aberta, a questão 17 (tabela 15) apresenta respostas construídas pelo próprio entrevistado. Utilizou-se aqui o mesmo processo de tabulação informado nas demais questões abertas. Quanto às estratégias que os intérpretes utilizam para esquivar-se de efeitos embaraçosos da emoção, os três métodos mais populares de enfrentamento são:

- Pedir um intervalo da sessão (18,6%)
- Manter o foco na atividade (11,1%)
- Relembrar o papel do intérprete (11%)

A questão 18 (tabela 16), também com respostas livres do entrevistado, repete - propositalmente - a temática da questão anterior. Conforme dito anteriormente, a

repetição da temática pretende (re)captar a estratégia utilizada pelo intérprete para equilibrar a emoção e a razão, quando o conflito se faz presente na atividade de interpretação. Embora a resposta ‘peço um intervalo’ seja a de maior frequência, atestando a necessidade do intérprete de se afastar por alguns minutos da atividade (seja por fatores emocionais, físicos ou cognitivos), outras respostas tais como ‘conheço os meus limites’, ‘é desafiador ser imparcial’, ‘faço o que julgo ser mais importante’, ‘o lado emocional às vezes toma precedente’, ‘respiro’, e até mesmo ‘uso o bloco de notas’ (técnica utilizada por intérpretes experientes como válvula de escape, para evitar o contato visual, seja com o estrangeiro, seja com as demais pessoas presentes) também estão presentes. A ‘técnica’ de olhar para o bloco de notas - ou anotar algo nele - tanto protege o mal estar do intérprete, quanto o mal estar do imigrante que se encontra em uma condição vexatória, como quando está em um hospital, por exemplo.

Tabela 15 - Questão 17: décima questão de avaliação do tipo EMO

Quando você detecta a presença de variáveis emocionais (seja por meio de pensamentos, sensações ou percepções), que estratégias você utiliza para esquivar-se de possíveis efeitos embaraçosos da emoção?		
	n	%
Mantenho o distanciamento	1	3,7
Peço um intervalo	5	18,6
Ajo com profissionalismo	1	3,7
Se a emoção vai interferir no processo, peço para não interpretar	1	3,7
Tento me concentrar	2	7,4
Entro no modo robô	1	3,7
Uso o bloco de notas	2	7,4
Relembro meu papel	3	11,1
Uso técnicas de meditação	2	7,4
Uso a disciplina, o treino	1	3,7
Peço ajuda a Deus	1	3,7
Ajo como uma atriz	1	3,7
Controlo meus pensamentos	1	3,7
Penso em outra coisa	1	3,7
Mantenho o foco	3	11,1
Lembro do código de ética	1	3,7
Total	27	100

Fonte: elaborada pela autora.

Tabela 16 - Questão 18: décima primeira questão de avaliação do tipo EMO

Como você administra o equilíbrio necessário entre a norma e o fator humano - muitas vezes inconciliáveis -, no exercício de sua atividade profissional?		
	n	%
A prática, a disciplina, o treino	1	2,9
Afasto os pensamentos	1	2,9
Ajo com imparcialidade	2	5,7
Ajo com impessoalidade	1	2,9
Ajo com profissionalismo	1	2,9
Concilio a técnica e a emoção	1	2,9
Conheço meus limites	1	2,9
Cumpro a norma	2	5,7
É desafiador ser imparcial	1	2,9
Faço o que julgo ser mais importante	1	2,9
Lembro do código de ética	2	5,7
Lembro do meu papel	1	2,9
Mantenho o autocontrole	1	2,9
Mantenho o distanciamento	2	5,7
O lado emocional às vezes toma precedente	1	2,9
Peço um intervalo	4	11,4
Respiro	1	2,9
Separo a emoção da objetividade	1	2,9
Sou fria, não deixo vir a emoção	1	2,9
Uso a racionalidade	1	2,9
Uso a técnica	7	20
Uso o bloco de notas	1	2,9
	35	100

Fonte: elaborada pela autora.

Tabela 17 - Questão 19: primeira questão de avaliação do tipo EXI

Tendo por base a sua experiência pessoal com refugiados, sua bagagem intelectual e visão de mundo, que mudanças em nível individual, social e institucional você prevê no futuro e em que prazo? Vamos avaliar uma a uma.				
	Curto prazo	Médio prazo	Longo prazo	Não sabe
Mudanças em si mesmo(a)	12	3	5	0
Mudanças na sociedade em que vive	2	4	13	1
Mudanças nas instituições em que atua	5	9	6	0
Mudanças em instituições internacionais	6	7	6	1

Fonte: elaborada pela autora.

Tabela 18 - Questão 20: segunda questão de avaliação do tipo EXI

Que aprendizagem você trouxe para sua vida pessoal a partir das experiências emocionais com os refugiados?		
	n	%
Aprendi que as pessoas são ruins	1	2,8
Aprendi a aceitar as diferenças	1	2,8
Aprendi a conter emoções	1	2,8
Aprendi a ser mais consciente de onde vivo	1	2,8
Aprendi a estar mais atenta e ser mais consciente	1	2,8
Aprendi a ler mentiras na linguagem corporal	1	2,8
Aprendi a ser grata pela vida	1	2,8
Aprendi a ser mais humilde	3	8,6
Aprendi a ser mais positiva	1	2,8
Aprendi a ser mais tolerante	1	2,8
Aprendi a ter serenidade	1	2,8
Aprendi a ter mais paciência	2	5,7
Aprendi a valorizar a liberdade	1	2,8
Aprendi mais sobre a natureza humana	1	2,8
Aprendi que a flexibilidade é regra internacional de sobrevivência	1	2,8
Aprendi que as pessoas são diferentes	1	2,8
Aprendi que cada um tem uma história	1	2,8
Aprendi que é complexo julgar	1	2,8
Aprendi que ninguém é melhor que ninguém	1	2,8
Aprendi que o mundo não é um mar de rosas	1	2,8
Aprendi a me comunicar com outras culturas	2	5,7
Conheci outras culturas	1	2,8
Eu era muito egocêntrica	1	2,8
Eu reclamava muito	1	2,8
Há pessoas que têm muitos problemas	1	2,8
Houve identificação, pois já fui imigrante	2	5,7
Os valores são relativos	1	2,8
Reafirmei minha própria personalidade	1	2,8
Valorizo mais o contato com outras culturas	1	2,8
Valorizo mais o que tenho	1	2,8
	35	100

Fonte: elaborada pela autora.

Tratando-se de um profissional que acompanha de perto crises migratórias em nível mundial ou a tipologia de crimes transnacionais, estando exposto a histórias de vida muito tocantes, não raro acompanhadas de relatos de violência (guerra, tortura, detenção ou agressão) e memórias dolorosas, incluímos no questionário-entrevista a questão 19 (tabela 17) que avalia a consciência pessoal, social e institucional do intérprete comunitário. Pedimos ao respondente que fizesse uma espécie de exercício de futurologia, com base no aprendizado que esse profissional traz, por força de seu trabalho. Partimos do preceito

psicológico de que com o passar do tempo o ser humano sofre mudanças incessantes, de toda ordem, muitas das vezes derivadas da atividade laborativa, que ocupa importância primordial na vida moderna. Os resultados parecem indicar que mudanças em nível individual são vistas como iminentes (independentemente daquelas já vivenciadas no passado do respondente); ao mesmo tempo que mostram um importante pessimismo com relação às mudanças sociais necessárias para o melhor introsamento intercultural entre os povos.

A questão 20 (tabela 18) apresenta as respostas espontâneas dos entrevistados. A percepção de humildade foi a característica humana que mais indicou mudanças na personalidade dos sujeitos (8,6%), seguida de aumento da capacidade de ser paciente (5,7%), aprimoramento da competência comunicativa (5,7%) e reconhecimento da empatia ou da identificação (5,7%). Apesar disso, a multiplicidade das respostas demonstra que os sujeitos reagem à emoção de variadas formas: mudança do próprio comportamento, adoção de novos valores, maior compreensão da realidade do mundo e reconhecimento de que a emoção é uma variável a que estamos sujeitos em qualquer atividade profissional, e que é difícil exercer um controle efetivo sobre ela.

A esta altura da entrevista os sujeitos já estão mais confiantes em declarar as mudanças percebidas em si, em razão do convívio com imigrantes, sejam esses refugiados, asilados ou pessoas que estão respondendo por crime cometido em território brasileiro. Analisando cada uma das vinte entrevistas realizadas, notamos a evolução das declarações dos intérpretes, no sentido de admitir a existência e as dificuldades causadas pela emoção durante o exercício da interpretação comunitária.

CAPÍTULO V – TRADUÇÃO COMENTADA

Como exigência para a graduação em um curso de tradução, o objetivo geral deste projeto foi realizar uma tradução de um texto em língua francesa, cuja escolha recaiu no artigo de Aurelia Klimkiewicz, *L'interprétation communautaire: un modèle de communication "trialogique"*. O artigo introduz uma discussão sobre os fatores humanos identificados durante uma sessão de interpretação, em que se fazem presentes três atores: o intérprete e outros dois para os quais ele serve de ponte linguística. A argumentação também considera os valores individuais, profissionais e sociais envolvidos na atividade de interpretação comunitária. Esses elementos da argumentação - a emoção e o valor - são norteadores da pesquisa da qual falamos em seguida.

Os escritos de Klimkiewicz nos inspiraram a ir além da sua tradução e pesquisar as tais variáveis emocionais e valorativas, tema do texto em questão. Para a realização de tal pesquisa conduzimos entrevistas com intérpretes envolvidos em processos de solicitação de refúgio, asilo ou imigrantes que respondem por crimes cometidos em território nacional e que necessitam da interpretação comunitária por não se comunicarem em português. O texto traduzido também serviu como referência de discussão teórico-prática dos achados nas entrevistas.

No que diz respeito ao processo tradutório propriamente dito, seguimos a seguinte metodologia:

- i. Identificação de terminologia e fraseologias de maior complexidade no texto original;
- ii. Anotação das Unidades de Tradução (UT) problemáticas contidas nos parágrafos;
- iii. Anotação das possibilidades de tradução das UTs;
- iv. Adequação de terminologia e fraseologias ao texto de chegada;
- v. Indicação das razões de escolha na tomada de decisão final;
- vi. Revisão da tradução.

Em seguida à tradução inicial, cada parágrafo traduzido foi cotejado com o texto de partida. A tradução foi dividida em parágrafos, pois cada uma dessas partes do texto compõe uma unidade própria de argumentação, com início, meio e fim. Foram anotados o vocabulário e as fraseologias geradoras de dúvidas no texto de partida, comentadas mais

adiante. As frases demasiadamente longas em francês foram reduzidas, por não ser esta a prática comum na escrita do português brasileiro.

Depois de revisado, de acordo com a terminologia e fraseologias deste tipo de texto técnico, foram anotadas as razões para a tomada de decisão em cada UT. O texto de partida consta do Apêndice I e o texto de chegada do Apêndice II.

Cabe-nos esclarecer que, em razão da polêmica que envolve o conceito de ‘unidade de tradução’, adotamos a posição defendida por Fábio Alves (2018) em seu texto *Unidades de tradução: o que são e como operá-la*, em que o autor defende que a delimitação das UTs depende exclusivamente de cada tradutor e que elas podem mudar de forma e de tamanho. Assim sendo, adotamos como ‘definição’ de Unidade de Tradução as possíveis dificuldades tradutórias encontradas em cada parágrafo. Elas surgiram, sobretudo, em função de dúvidas no vocabulário a ser empregado em língua portuguesa e na identificação adequada dos sujeitos citados no texto de partida: quem é *le client*, *l’intervenant*, *le locuteur*, *le surdestinataire*, *le professionnel*, *l’orateur*, *l’auditeur*, *l’interlocuteur*, *le troisième*, *le tiers*.

De fato, comumente são três os sujeitos na relação trialógica da interpretação: o intérprete, o imigrante e a pessoa para quem se faz a tradução da fala do imigrante (em geral um servidor público, seja ele um agente da imigração, juiz, defensor, funcionário de uma organização não governamental ou mesmo um profissional da saúde). A dificuldade detectada é que esses três sujeitos são referenciados de maneiras diferentes no texto. O *intervenante* é também referenciado como *professionnel*; o mesmo *intervenante* que pode ser adjetivado como *intervenante social*, mesma categoria utilizada para qualificar o intérprete, o *interprète en milieu social*. Essa discussão sobre a dificuldade em identificar os atores presentes no texto e a sinonímia utilizada pela autora está mais bem exemplificada no glossário que acompanha este trabalho.

Parece-nos ter a autora recorrido a neologismos quando utiliza as palavras “*trialogique*” e “*trialogue*”, visto que tais vocábulos não foram encontrados nos três principais dicionários de língua francesa, em sua versão online: *Le Robert*, *Larousse* e *Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales* (CNRTL). Depreendemos que os vocábulos citados corresponderiam às palavras “trialógico” e “triálogo”, neologismos correspondentes em língua portuguesa, em contraponto às palavras “dialógico” e “diálogo”, que o CNRTL traz como definições:

dialogue: (sentido geral): communication le plus solvant verbale entre deux personnes ou groupes de personnes;
dialogique: em forme de dialogue.

Assim sendo, os neologismos *trialogue* e *trialogique* fazem todo sentido, visto que o texto discorre sobre a relação de três sujeitos durante uma sessão de interpretação, o que demanda um componente lógico para que a comunicação seja fluida.

Outra característica do texto que gera algum estranhamento é a forma como algumas vezes a autora faz referência à interpretação comunitária, simplesmente como “*la communautaire*”. Por essa razão, na sua tradução usamos sempre “interpretação comunitária”, que é a maneira mais comum pela qual esta tipologia de interpretação é citada em português.

Outro recurso sintático digno de nota é a utilização do plural na tradução de trechos escritos no singular no texto de partida, em nome da naturalidade idiomática, a exemplo dos trechos a seguir:

_approprié à la situation de communication (**conférence, assemblée, rencontre officielle**, etc.).

_adequado a cada situação de comunicação (**conferências, assembleias, reuniões oficiais**, etc.).

_aux prises avec des événements traumatisants (**guerre, conflit militaire, génocide**, etc.).

_que enfrentam eventos traumáticos (**guerras, conflitos militares, genocídios**, etc.).

_Il sera question de réfléchir sur l’interprétation communautaire, particulièrement **sur les rapports** qui existent entre le professionnel, le client et l’interprète lors d’un échange interculturel.

_Trata-se de uma reflexão sobre a interpretação comunitária, particularmente **sobre a relação** entre o profissional, o cliente e o intérprete durante um intercâmbio intercultural.

Se o primeiro trecho fosse traduzido como ‘conferência, assembleia, reunião oficial’ poderia gerar estranhamento ao leitor brasileiro. É como se o uso do singular ‘coubesse melhor’ para se referir a uma determinada conferência, a uma determinada assembleia, a uma determinada reunião.

No segundo exemplo, depreendemos que talvez o autor utilize *événements* no plural porque a seguir enumere tais eventos (três eventos no singular). No entanto, se fizermos o exercício de retirar os parênteses e formular a frase de outra forma (eventos traumáticos

tais como guerra, conflito militar, genocídio), não podemos evitar certo incômodo. O estranhamento justifica a decisão tomada no terceiro exemplo.

A naturalidade idiomática como justificativa a uma escolha tradutória é bastante comum. O tradutor se explica: ‘soa melhor assim ou não’, confiando principalmente na sua competência na língua vernácula. Para traduzir textos dessa natureza, técnico-científica, o tradutor em seu projeto de tradução, procura levar em consideração a maneira como se diz algo na sua própria língua - a forma que não lhe gere estranhamento -, de acordo com as normas e padrões da comunidade linguística de recepção, mesmo que uma forma que lhe soe estranha seja também compreensível. Não por acaso a formação do tradutor não pode prescindir do conhecimento bastante satisfatório da sua própria língua.

Ainda, o texto apresenta as palavras *tiers* e *troisième*, às vezes dentro da mesma frase, como no trecho:

*-nous écartons d'emblée la première catégorie de **tiers** appelée « la position du **troisième** », que Bakhtine expose dans Problèmes du texte.*
*-excluimos desde o início a primeira categoria de '**terceiro**' – "a posição do **terceiro**" -, que Bakhtin expõe em Problemas do Texto..*

A dificuldade no trecho destacado é a tradução das palavras *tiers* e *troisième*, que em português, tal como no inglês, resumem-se a uma só tradução, qual seja: *terceiro* e *third*. Outra tradução para *tiers* seria ‘terço’, a unidade fracionada, mas então o texto perderia todo o sentido.

A confrontação entre o texto de partida e o texto de chegada pode ser feita por meio da análise de ambos, apêndices deste trabalho.

CONCLUSÃO

Quando nos propusemos a escrever o presente trabalho, tínhamos em mente nos valer da tradução de um texto que falasse de emoções e valores na atividade de interpretação comunitária para ‘checar’, digamos assim, o ponto de vista de profissionais da área a respeito dos aspectos discutidos no texto, e pesquisar esse assunto com alguma profundidade. Além disso, o refúgio, o asilo, ou mesmo a condição do estrangeiro que cumpre prisão por crime cometido no Brasil são temas que nos são caros, visto que espelham um tópico relevante e presente da agenda mundial, tocando ao mesmo tempo aspectos da Psicologia, Relações Internacionais e Direito.

De fato, trabalhar com tal público coloca o intérprete comunitário no ‘palco’ da interpretação forense, o que nos leva particularmente de volta aos estudos na área do Direito, abandonados por nós anos atrás. Ou seja, a ideia do projeto nos atraiu por permitir, mesmo que superficialmente, a possibilidade de estudar de forma conjunta e transdisciplinar campos acadêmicos de nosso interesse. Por ser um trabalho na área da Tradução, aspectos linguísticos não foram ignorados, sendo possível desenvolver uma metarreflexão: traduzir e analisar aspectos tradutórios de um texto que foca a tradução/interpretação. Todavia, nosso maior intuito sempre foi confrontar os argumentos do texto - que se identifica como teórico - com a prática da interpretação social.

No decorrer do projeto, fomos nos encantando com o que ouvíamos na ‘própria voz’ dos intérpretes, que não se furtaram a assumir em suas entrevistas o quanto a emoção se revela uma variável importante em seu *métier*; e o quanto os valores relacionados à prática interpretativa se tornam pontos de referência na vida do intérprete.

Não tínhamos hipóteses a serem testadas de início, mas algumas percepções nos tomaram de assalto ao notar que o (não) enfrentamento da emoção na atividade desse profissional era muito correlacionado às exigências dos códigos de ética da interpretação comunitária, sobretudo a forense. De fato, a ‘austeridade’ dos códigos se mostrava francamente contrária - ou perturbadora -, não somente à vivência da emoção, mas, inclusive, ao seu reconhecimento. Nas primeiras questões da entrevista utilizada como instrumento de escuta constatamos uma firme negativa da emoção como elemento cotidiano. À medida que a entrevista caminhava para o final, a admissão da presença da emoção se tornava mais inequívoca. O intérprete se permitia ‘ser’ mais humano.

Em um breve estudo que realizamos sobre os códigos de ética de intérpretes que atuam em cortes de vários cantões do mundo, cujo número chegou a 12 (Bélgica, Espanha, Eslovênia, Finlândia, Hong Kong, Canadá/Ontário, Costa Rica, Estados Unidos/Texas e cortes federais, República Dominicana, Nova Zelândia e Austrália), encontramos como principais pontos em comum (códigos comparados entre si) as seguintes exigências ao intérprete: boa conduta, vestimenta conforme o código, atenção às práticas da corte e aos códigos de ética, competência linguística e profissional, comportamento adequado e profissional, confidencialidade, declaração em caso de conflito de interesses, consciência institucional e funcional, credibilidade, cortesia, decoro, disciplina, respeito, cooperação, solidariedade, discrição, fidelidade, formação contínua, imparcialidade, integridade, comportamento dentro dos limites da função, pontualidade, precisão, proficiência, profissionalismo, capacidade de tomar notas, transparência, dentre outros.

À primeira vista, não nos parece que tais exigências sejam descabidas; muito pelo contrário, elas são imprescindíveis em qualquer profissão. O nó da questão é que o trabalho psicológico sobre a emoção suscitada pelo contato com problemáticas de grande peso emocional torna-se impraticável, pois o intérprete é impedido, por força do código de ética, de tocar em assuntos tratados em sessões de interpretação, mesmo com seus pares. Assim sendo, o código de ética se revela um remédio e um veneno.

Os dois desafios temáticos do texto - e da pesquisa - foram os valores interculturais e as emoções. Quanto ao primeiro desafio, pensamos ser ele o de mais fácil resolução, visto que os conflitos derivados da identidade cultural tendem à moderação, *au fur et à mesure* que o fenômeno migratório avance (o que vemos como inevitável), pois o contato entre os povos tenderá (assim esperamos) a fazer emergir o respeito às diferenças. Quanto ao segundo desafio, ligado à condição de 'ser' humano do intérprete, até onde pudemos verificar por meio de pesquisas na internet, falta aos programas de formação de intérpretes comunitários instrumentos eficazes de tratamento da dor emocional, derivada do contato diário com a violência, com o crime e com a injustiça.

O texto de Aurelia Klimkiewicz, *L'interprétation communautaire: un modèle de communication «trialogique»* e a escuta dos intérpretes nos inspiraram a conclusão de que resta a esse profissional lidar, sozinho, com o permanente conflito de ouvir sua própria consciência ou seguir as normas da profissão. A pesquisa que realizamos atestou a veracidade desse conflito, que tende ao crescimento em face das demandas mundiais.

As questões relacionadas à imigração necessitam ser tratadas não apenas em nível individual, na figura do intérprete. É imprescindível que as sociedades desenvolvam mecanismos de aceitação do 'outro', como também que este 'outro' se conscientize que ele estará vivendo em 'outro' lugar, onde já existem outros valores e normas pré-estabelecidos. A negociação da convivência pacífica, aliás, é um dos temas mais elegantes e apaixonantes das Relações Internacionais. A nós parece impreterível lembrar que respeitar a cultura do 'outro' é uma via de mão dupla.

Da mesma forma, esperamos que as organizações internacionais, sobretudo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), consiga atingir um número cada vez maior de pessoas, de modo a sensibilizá-las para a questão da imigração e até mesmo prepará-las para um aumento exponencial dos números relacionados ao fenômeno.

A imigração é uma oportunidade para que as sociedades, hoje cada vez mais plurais, possam se repensar por meio dos espelhamentos mútuos que todo contato intercultural propicia. Esse espelhamento envolve as instituições que recebem os imigrantes e que precisam também atualizar-se, repensar suas culturas institucionais no sentido de trabalharem com os impactos e os desafios que lidar com pessoas de bagagem cultural distinta requer (DANTAS, 2017, p. 68).

Cabe-nos explorar em estudos futuros, ainda mais aprofundados, caminhos para o enfrentamento da emoção na atividade da interpretação comunitária, que é dificultado pelos motivos já relatados. Essa dificuldade deve ser tratada de frente, de maneira profissional, já que não é possível ao intérprete recorrer habitualmente a um psicólogo ou a um padre, que possuem como prerrogativa da profissão a obrigatoriedade do sigilo.

Da mesma forma, é impossível a realização de um *briefing* após cada sessão de interpretação, nome utilizado pela Cruz Vermelha na Bélgica para nomear o momento destinado a extravasar as emoções, após cada atuação emocionalmente importante dos seus profissionais. Tampouco pode o intérprete ter que recorrer constantemente a técnicas teatrais, como auxílio profilático na atuação em seu próprio 'palco'.

Pois que somos humanos, individuais em nossa coletividade, ainda estamos aprendendo como dosar nossas emoções e dimensionar nossos valores. Essa dimensão humana - presente e imprescindível na conduta profissional de intérpretes comunitários - é merecedora de sucessivos estudos. Que venham eles!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Paulo M.R.; NORDIN, J.N. Interpretação Forense: A experiência prática da Justiça Federal de Guarulhos e o treinamento de intérpretes. **Direito Federal: Revista da AJUFE**, Brasília, ano 30, n. 96, p. 481-520, 2017.
- ALVES, Fábio. Unidades de tradução: o que são e como operá-las. *In*: ALVES, Fábio; MAGALHÃES Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com Autonomia**: estratégias para o tradutor em formação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- ANTÓN, María Teresa Ortego. Community Interpreting–oriented Terminology Management Tools. **International Journal of Language Translation and Intercultural Communication**, v. 5, p. 107-115, out. 2016. Disponível em <https://bit.ly/368qJT3>. Acesso em: 06 nov. 2020.
- BERRY, Jonh W. Psychology of immigration. **J. Soc.** v. 57, n. 3, p. 615–631, set. 2001. doi: 10.1111/0022-4537.00231. Disponível em <https://bit.ly/3ksdKRv>. Acesso em: 14 nov. 2020.
- BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de Maio de 2017. Institui a Lei de Migração. **Diário Oficial da União**: Seção 1. Brasília, p. 1, 25 maio 2017.
- CARVALHO, Suely Ferreira de. **O choque, a aliança, o contrato**: perspectivas da aliança de civilizações face à teoria do choque de Samuel Huntington e ao advento da Primavera Árabe. 2011. 46 f. Monografia (Especialização em Relações Internacionais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- CASTELAIN, Arnold. L'interprète dans la situation clinique. **Essaim**, n. 35, p. 111-124, set. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/328b8Ru>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- DANTAS, Sylvia. Subjetividade e migração: uma abordagem intercultural profunda a partir das migrações brasileiras. *In*: GUANAES-LORENZI, Carla *et al.* (org.). **Psicologia Social e Saúde**: da dimensão cultural à política institucional. Florianópolis: Edições do Bosque, 2011.
- DANTAS, Sylvia. Saúde mental, interculturalidade e imigração. **Revista USP**, São Paulo, n. 144, p. 55-70, jul./set. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2Qalp9h>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- DIALOGIQUE. *In*: CNRTL, Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. Disponível em: <https://www.cnrtl.fr/definition/dialogique>. Acesso em: 14 nov. 2020.
- DIALOGUE. *In*: CNRTL, Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. Disponível em: <https://www.cnrtl.fr/definition/dialogue>. Acesso em: 14 nov. 2020.
- DYLMAN, Alexandre S.; CHAMPOUX-LARSSON, Marie France; ZAKRISSON, Ingrid. Culture, Language and Emotion. **Online Readings in Psychology and Culture**, v. 4, n. 2, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/36vjoNE>. Acesso em 12 nov. 2020.
- FERREIRA, Suel. **Valores em questão: como os valores e princípios influenciam a saúde humana**. Brasília: Createspace Independent Publishing Platform, 2015.

FIGHT BACK. *In*: Cambridge Dictionary. Disponível em: <https://bit.ly/2H5vG6O>. Acesso em: 14 nov. 2020.

FRANCISCO, Reginaldo. **Estrangeirização e domesticação: indo além de mais uma dicotomia**. Scientia Traditionis, n. 16. Disponível em <https://bit.ly/38meRzx>. Acesso em 09 nov 2020.

IONESCU, Daniela. **The Non-Neutrality of Community Interpreting – a cross- and inter-cultural issue**. University of Bucharest, Alicante, nov. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3bREZIJ>. Acesso em: 20 ago. 2020.

KLIMKIEWICZ, Aurelia. L'interprétation communautaire: un modèle de communication "trialogique". **TTR- Traduction, terminologie, rédaction**, v. 18. n. 2, p. 209-224, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/34vIhJV>. Acesso em: 20 ago. 2020.

MORAIS, Angela M. F. Refugiados e imigrantes no Brasil e no mundo Lei nº 9.474, de 22 de Julho de 1997. Nova Lei nº 13.445/2017. **Conteúdo Jurídico**, 06 jul. 2020, 04:19. Disponível em <https://bit.ly/37UDrY1>. Acesso em: 30 out. 2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA MIGRAÇÕES (OIM). **Número de migrantes internacionais no mundo chega a 272 milhões**. Disponível em <https://bit.ly/37zGJjr>. Acesso em: 18 out. 2020.

PAIVA, Geraldo J. **Introdução à Psicologia Intercultural**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1978.

PEREIRA, Rosa M.C.; GIL FILHO, Sylvio F. Uma leitura da mundanidade do luto de migrantes, refugiados e apátridas. **GeoTextos**, v. 10, n. 2, p. 191-214, dez. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3j3zTfr>. Acesso em: 20 ago. 2020.

RECUPERO, A. *et al.* Mixed Reality for Cross-Cultural Integration: Using Positive Technology to Share Experiences and Promote Communication. **Front. Psychol.**, 17 jul. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3omRBXR>. Acesso em: 24 out. 2020.

ROSALES, Erin. Medical Interpreters Have Wounds, Too. **Connecting Cultures**, 8 jul. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2I1fc02>. Acesso em: 05 nov. 2020.

SÁ, Jurandir M. O manejo psicoterapêutico na experiência de intercâmbio cultural em gestalt-terapia. **Rev. NUFEN**, v. 10, n. 2, p. 57-74, ago. 2018. Disponível em <https://bit.ly/3l74ZOm>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SEBBEN, Andréa S. **Um estudo exploratório sobre o intercâmbio cultural com a contribuição da Psicologia Intercultural e da educação intercultural**. 2001. 150 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Santa Catarina, Santa Catarina, 2001.

VALERO-GARCÉS, Carmen. Emotional and Psychological Effects on Interpreters in Public Services - A Critical Factor to Bear in Mind. **Translation Journal**, v. 9, n. 3, jul. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/328aRhz>. Acesso em: 20 ago. 2020.

THE WORLD BANK. **Climate Change Could Force Over 140 Million to Migrate Within Countries by 2050**: World Bank Report. 19 mar. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3oK8vjw>. Acesso em: 30 out. 2020.

APÊNDICE A – TEXTO DE PARTIDA

L'interprétation communautaire : un modèle de communication « trialogique »

Aurelia Klimkiewicz

Normalement la différence entre la traduction et l'interprétation est définie en termes de médium (écrit/oral), ainsi qu'en fonction de la situation de communication : en traduction celle-ci se réalise en l'absence de l'auteur et du récepteur, alors qu'en interprétation tous les participants sont réellement présents lors de l'échange verbal. Si la traduction couvre différents domaines et langues de spécialité, l'interprétation se définit davantage en fonction des contraintes temporelles ainsi qu'en fonction de l'espace dans lequel le processus se déroule : école, hôpital, prison, poste de police, services d'immigration ou juridiques, camps de réfugiés, etc.

Mais la divergence fondamentale se situe, pourrait-on dire, à un autre niveau : en mettant en rapport un professionnel et son client, l'interprète en milieu social participe à une relation asymétrique du point de vue du pouvoir et du savoir. Puisqu'il travaille à établir une communication à vocation réciproque, il doit s'investir dans une collaboration – en utilisant tantôt la diplomatie, tantôt l'invention ou même la ruse – qui consiste à créer un espace d'entente dans le but de satisfaire tous les actants du processus au-delà de la non-compréhension mutuelle ou des conflits parfois insurmontables qui risquent d'interrompre la circulation de la parole.

Bien que depuis une dizaine d'années la communautaire suscite un intérêt accru dans les milieux universitaires et professionnels, contrairement à la simultanée et à la consécutive, elle occupe toujours une place marginale dans les programmes de formation et de perfectionnement, et reste encore une profession non réglementée et peu reconnue. Pourtant, il s'agit d'une activité professionnelle largement pratiquée dans les sociétés multiethniques, activité qui ressemble en quelque sorte à un laboratoire qui rend possible l'observation des divers contextes de communication interculturelle, des divers comportements humains et institutionnels issus des divergences culturelles, sociales,

économiques et juridiques qui, très souvent, risquent de ralentir, de dérailler ou même de bloquer l'échange verbal.

Le but de cet article est de cerner le processus interprétatif inscrit dans une dynamique d'emblée asymétrique et de nature « trialogique » puisqu'il s'agit de trois actants – le client, l'intervenant et l'interprète – qui participent à l'échange verbal tout en créant activement un espace de communication interculturel. Au-delà des questions techniques ou axées strictement sur la profession, il nous semble digne d'intérêt d'aborder la composante humaine qui intervient dans le processus interprétatif. C'est justement la communautaire qui représente un terrain propice à l'exploration des sentiments et des émotions qui, dans ce cas précis, font irruption et influent sur le déroulement de la communication. Si le transfert interlinguistique peut être facilement occulté dans bien des situations – et la traduction ethnocentrique en témoigne –, il ne peut en aucun cas être ignoré dans un face-à-face fondé sur une certaine réciprocité.

Comme le précise Daniel Gile, l'interprétation de conférence consiste à substituer un « discours de haut niveau formel et conceptuel dans une autre langue, dans son intégralité et en respectant le même niveau du discours » (Gile, 1995, p. 12). Dans ce cas, l'interprète ne traduit pas un simple dialogue mais un discours soutenu approprié à la situation de communication (conférence, assemblée, rencontre officielle, etc.). La même exigence est maintenue même lorsque le niveau de langue du locuteur est inapproprié : l'interprète aura instinctivement tendance à anticiper les attentes du public cible, autrement, à réduire la distance entre le locuteur et le récepteur en utilisant un langage plus soigné.

La communautaire, quant à elle, s'inscrit dans un lieu plus complexe : à cause de la hiérarchisation à plusieurs niveaux, elle met en scène une communication hautement asymétrique entre le professionnel et son client :

- langue mineure – langue majeure
- savoir, compétence – non-savoir, ignorance
- institution – individu
- structures, lois, règlements – expérience, sentiments.

En règle générale, dans ce type d'intervention, les relations de pouvoir sont quasi palpables : si le professionnel s'investit dans la traduction (le décodage) de l'autre en tant qu'autorité dans son domaine d'activité, le client se sent constamment obligé de se traduire, c'est-à-dire de s'expliquer, de clarifier certaines informations, de se dire afin de se rendre accessible à son interlocuteur. Sujet hors de l'histoire, le client peut même apparaître comme une sorte de barbare s'exprimant dans une langue totalement incompréhensible et parfois incapable d'articuler un discours intelligible ou de répondre clairement à des questions qui lui sont posées. De telles situations sont particulièrement fréquentes lors des entretiens avec des illégaux, des ressortissants de pays aux régimes totalitaires ou aux prises avec des événements traumatisants (guerre, conflit militaire, génocide, etc.). L'utilisation des onomatopées, le bégaiement, les grimaces, la gesticulation prononcée, la posture, le mouvement du corps exagéré, sont souvent des signes extralinguistiques qui font voir l'autre en tant que différence radicale, celle qui échappe à la compréhension.

Il y a quelque chose de profondément gênant, de troublant même, dans la visibilité de l'étranger situé au centre de l'événement, coincé – le mot n'est pas trop fort – entre l'intervenant et l'interprète. C'est justement cette présence physique incontournable de l'autre (son corps, sa voix, ses émotions) qui détruit le fameux mythe de la transparence – condition utopique voulant éliminer les obstacles culturels et linguistiques au nom d'un sens universel transcendant les différences, et cela dans le but de faciliter la communication ou la circulation du savoir. Traditionnellement, la traduction abrite et génère plusieurs manifestations de ce mythe : la traduction cibliste ou ethnocentrique en serait une incarnation des plus répandues, parce qu'elle nivelle les différences en faveur de l'horizon d'attente du public cible. De même, d'autres types de traduction, comme le doublage qui élimine la présence de l'autre langue; l'interprétation simultanée qui éloigne l'interprète du champ de vision; la localisation qui vise une mobilité pure, sans obstacle ni frontière; ainsi que la traduction automatique qui écarte le sujet traduisant, tendent tous à occulter le passage, à effacer le transfert interlinguistique.

D'un autre côté, autant la traduction sourcière que le sous-titrage et l'interprétation communautaire, introduisent des règles du jeu qui déconstruisent fondamentalement l'idée de la transparence, tout en mettant au défi la communication universelle. En d'autres

termes, chaque fois que la traduction se manifeste – soit dans le respect de la lettre, soit par l'insertion des sous-titres, ou encore à cause de la présence réelle du sujet traduisant/interprétant –, une résistance l'accompagne que ce soit de la part du récepteur, du client ou d'un autre actant du processus.

C'est pourquoi la communautaire représente un cas à part, un cas intéressant à étudier étant donné que l'interprète assume pleinement sa visibilité qui contribue aussi au succès de la communication⁴⁰. Il est ce tiers (intermédiaire, médiateur, passeur) qui réduit la distance entre deux interlocuteurs – comme c'est d'ailleurs le cas dans la simultanée et la consécutive – et oeuvre à créer un autre espace de communication en brisant la linéarité du transfert selon la ligne unidirectionnelle : émetteur – message – récepteur. L'interprète incarne alors une figure mobile dont la parole circule entre plusieurs axes dialogiques : intervenant – cliente (fidélité, neutralité), intervenant – interprète (commentaire), interprète – client (commentaire), interprète – sa propre conscience (valeur ajoutée au contexte de la communication). En d'autres mots, son travail consiste à négocier le sens entre tous les participants du processus et non seulement à transmettre le contenu informationnel d'une langue à l'autre. Tantôt interprète (il transfère le sens), tantôt informateur (il commente, explique, ajoute de l'information), il peut aussi s'imposer en tant que juge ou témoin parlant au nom de quelqu'un ou en défendant une valeur (vérité, honnêteté, loyauté, solidarité, démocratie, etc.). Mais le juge ou témoin peut avoir une autre fonction encore : celle d'incorporer la parole de l'interlocuteur dans son propre discours et de se voir ainsi par le biais des opinions extérieures.

C'est le concept de tiers de Mikhaïl Bakhtine qui servira à mieux cerner le rôle de l'interprète et à suivre le chemin de la parole enfermée dans une cellule triangulaire, entre le professionnel, le client et l'interprète. Tout d'abord, le tiers remet en question l'épistémologie classique privilégiant le rapport d'identité entre le sujet et l'objet, comme si l'accès à la réalité pouvait se faire de manière directe.

⁴⁰ Les interprètes en milieu social travaillent également à distance (téléphone, conférence vidéo, etc.). Leur visibilité ou invisibilité varie donc d'un contexte de travail à l'autre.

Confrontant les structures de pensée qui s'appuient sur l'analogie, la synthèse, le dualisme, la ressemblance, la non-contradiction, la continuité et l'identité, le tiers déconstruit la logique du même qui ne peut concevoir que deux types de relations : soit celle de fusion (tu es comme moi et inversement), soit celle d'opposition qui exige que l'autre reste dans un dehors absolu (tu n'es pas comme moi, comme nous, tu es donc exclu). Un autre point non négligeable à soulever : le tiers fait comprendre le travail de l'interprète au-delà de son rôle strictement professionnel, encadré par l'institution⁴¹. Cela permet donc d'attirer l'attention sur des facteurs humains qui interviennent lors de la communication interculturelle.

Par souci méthodologique, nous écartons d'emblée la première catégorie de tiers appelée « la position du troisième », que Bakhtine expose dans *Problèmes du texte* : elle est restreinte à la pensée abstraite, en dehors de la vie concrète :

il existe, dans l'abstrait, la *position du troisième* qu'on identifie à la « position objective » en tant que telle, à la « connaissance scientifique ». La position du troisième est entièrement justifiée là où un individu peut se mettre à la place d'un autre individu, là où les individus sont absolument interchangeables, ce qui est possible et fondé seulement dans le cas où l'on cherche une solution à des problèmes qui ne sollicitent pas la personne dans sa totalité et sa non-reproductibilité, autrement dit, là où l'homme se spécialise, exprimant seulement une partie détachée de son tout, de sa personne, là où sa qualité d'« ingénieur », de « physicien », etc., sera substituée à son *moi*. (Bakhtine, 1984, p. 364)

En linguistique pragmatique, cette catégorie de surdestinataire

joue un rôle d'un Autre qui serait à la fois un *pair* et un *père*, double idéal de l'énonciateur. Mais la relation à ce double variera en fonction de la position que l'on pense occuper dans le champ, du *crédit* que l'on pense y posséder en raison de sa trajectoire passée et de ses anticipations de carrière. Car l'article scientifique n'est pas un simple vecteur d'idées, il permet de conforter ou d'infléchir dans un certain sens la position que l'on occupe. (Maingueneau, 1991, p. 194)

Du point de vue herméneutique, S. Fish explique l'importance de la communauté interprétative qui joue le rôle normatif dans la réception des textes. De même, la science a besoin d'une cohérence pour se légitimer. Comme le constate Lyotard, « [l]a vérité de l'énoncé et la compétence de l'énonciateur sont [...] soumises à l'assentiment de la collectivité des égaux en compétence » (Lyotard, 1979, p. 45). L'objectivité scientifique apparente est le fruit d'un travail critique qui véhicule aussi des valeurs extra-scientifiques

⁴¹ "Role is a social science construct used to explain behaviour and examine attitudes between at least two participants in any social situation" (p. 30). Voir le chapitre 3, «The Role of the Interpreter», dans Adolfo Gentile, Uldis Ozolins et Mary Vasilakos *Liaison Interpreting. A Handbook*, 1996, p. 30-40.

considérables liées à la tradition critique. En traduction et en interprétation, ce tiers englobant se manifeste soit dans les normes qui régularisent l'activité professionnelle peu soucieuse du facteur humain et plutôt centrée sur la circulation efficace de l'information, soit sur les besoins ou les habitudes du récepteur. Contexte de communication vaste, éclaté et malléable, la communautaire force tous les participants à forger un modèle de communication polyphonique, ouvert à un autre temps et espace.

Outre ce tiers normatif dans lequel se dilue le subjectif et qui appartient à la pensée abstraite, au savoir objectivé, d'autres types de tiers sont définis par Bakhtine : ceux qui se manifestent dans le langage vivant où (1) le tiers assure soit l'écoute de tous les participants pour ensuite témoigner pour chacun d'eux (le tiers en tant que destinataire lointain), soit (2) une médiation dans le cas où le dialogue est interrompu (le tiers qui témoigne de la distance, du conflit), ou encore (3) un point de vue extérieur à la communication immédiate (le tiers en tant que juge et témoin).

Il nous semble que les trois catégories de tiers que nous venons de mentionner apportent un éclairage différent sur le processus interprétatif. Bien que le transfert reste une préoccupation majeure, les questions exclusivement linguistiques ou déontologiques risquent de voiler l'ensemble de la situation d'interprétation qui force à chaque situation l'ajustement de tous les participants. Si l'institution encadre le déroulement formel de l'intervention, en imposant aux trois parties (l'intervenant, le client et l'interprète) un code de conduite prédéterminé, comment saisir les moments critiques de la rencontre, moments qui font déraiser la communication à cause du « surplus humain » incontrôlable ? Quelle importance faut-il accorder à ce surplus ? Comment le traiter ? Comment le théoriser ?⁴²

Tout d'abord, le tiers dans sa dimension humaine n'est pas une prédisposition donnée d'avance à tout individu : au contraire, il s'agirait plutôt d'un état de conscience profondément marqué par un éveil à l'égard de la différence. Bakhtine accorde cette position au personnaliste qui « se distingue [...] par sa liberté intérieure exceptionnelle, sa

⁴² Bien que notre article soit à teneur théorique, la réflexion s'inscrit dans l'expérience professionnelle qui nous a amenée à travailler dans différents contextes : camp de réfugiés politiques en Italie, Consulat canadien à Rome, écoles québécoises, immigrations, etc.

parfaite indépendance à l'égard du milieu ambiant »⁴³ et pour qui l'existence et la connaissance se situent dans un espace mouvant constamment créé et recréé entre les interlocuteurs qui coexistent tous dans la conscience de celui ou de celle qui devient alors une personnalité. On pourrait croire que certains individus sont plus prédisposés à assumer le rôle d'un tiers : immigrants, exilés, membres d'une diaspora, etc. du fait d'appartenir à un univers hétérogène, fragmenté. Mais cela n'est pas pour autant garant d'ouverture d'esprit à l'égard de l'autre. Le tiers peut en effet être assumé par un individu qui vit en permanence dans sa communauté, mais qui résiste à la relation fusionnelle avec ses semblables. De même, l'interprète en milieu social manifeste différents comportements professionnels qui peuvent être motivés – au-delà des règles institutionnelles – par les sentiments ressentis à l'égard de l'étranger (peur, mépris, compassion, etc.) ou à l'égard de l'institution (accord ou désaccord).

1 – La première catégorie de tiers représente le pouvoir de création, la capacité de se projeter soit dans un temps, soit dans un lieu éloigné. Dans « Le problème du texte », Bakhtine définit ainsi ce concept :

Un auteur ne peut jamais s'en remettre tout entier, et livrer toute sa production verbale à la seule volonté absolue et *définitive* de destinataires actuels ou proches (on sait que même les descendants les plus proches peuvent se tromper), et toujours il présuppose (avec une conscience plus ou moins grande) quelque instance de compréhension responsive qui peut être différée dans des directions variées. Tout dialogue se déroule, dirait-on, en présence du troisième, invisible, doté d'une compréhension responsive, et qui se situe au-dessus de tous les participants du dialogue (les partenaires) [...] (Bakhtine, 1984, pp. 336-337).

Bien que cette définition se limite au texte littéraire ou philosophique, ce tiers reste valide là où le discours s'ouvre à la différence, à un horizon inexploré, là où il crée des possibles. Incarnant le dépassement de soi, il oblige en effet à voir la situation à partir d'une perspective au-delà de l'immédiat. Tel est d'ailleurs le rôle de l'interprète en milieu social : dans bien des cas, il doit inventer les stratégies de communication, tout en sensibilisant les participants à des réalités inédites.

Variable, illimité, allant dans des directions variées, ce type de tiers présuppose une infinitude de possibilités imprévisibles. En littérature, par exemple, un lecteur contemporain

⁴³ Définition d'Askoldov, citée par Bakhtine, 1970, p. 39.

d'une tragédie grecque devient son troisième participant engagé dans les événements décrits, mais distancé par rapport à eux, du fait d'appartenir à une autre époque et à un mode de pensée différent de celui de l'Antiquité. La communautaire, quant à elle, exige un effort soutenu pour surmonter les limites de la communication réciproque qui se déroule dans un cadre plus mobile et plus fragmenté que d'habitude à cause de la présence de plusieurs entités culturelles et linguistiques. Chaque pas en avant améliore réellement la communication et aide à mieux connaître l'autre. Dans certaines situations, l'interprète fournit de son propre gré le surplus d'information, soucieux d'apporter un éclairage plus vaste sur les phénomènes que l'intervenant ne saisit pas. Par exemple, si l'enfant russe qui vient d'arriver à Montréal au moment des changements politiques dans son pays manifeste un comportement d'enfant abusé, l'interprète peut attirer l'attention sur d'autres causes possibles que celle de l'autorité parentale pour aider les intervenants à mieux démêler certains troubles psychologiques, à mieux examiner les symptômes nommés et classes souvent trop rapidement selon les procédures en vigueur dans la société d'accueil. À long terme, le professionnel sera plus sensible, plus à l'écoute du vécu de son client. Et celui-ci, à son tour, ressentira instinctivement un effort de collaboration – et non seulement le poids du jugement – et sera encouragé à s'ouvrir davantage. Souvent, il s'agit de véritables moments magiques, surgissant sous forme de soupir de soulagement ou de rire convivial, qui font disparaître momentanément les barrières.

2 – Mais le tiers peut avoir une autre fonction : englober des voix distinctes, même celles qui sont antagonistes et qui s'excluent mutuellement. En même temps, ce tiers ne peut jamais se retrouver emprisonné dans un mot fermé, monologique (loi, ordre). Bakhtine explique cette situation comme « le contexte dialogique réel [...] accessible mais où nul contact de sens entre les répliques n'est possible (ou imaginable). Le degré zéro du rapport dialogique. C'est là qu'apparaît clairement le point de vue du *troisième* dans le dialogue (de celui qui ne participe pas au dialogue mais qui le *comprend*). La compréhension du tout de l'énoncé est toujours dialogique. » (*Ibid.*, p. 335). Et plus loin : « [c]omprendre c'est, nécessairement, devenir le *troisième* dans le dialogue » (*Ibid.*, p. 335). Et la compréhension, vue de la position du tiers, de l'extériorité, a une dimension éthique, celle de la responsabilité d'être à l'écoute de l'autre ou de parler en son nom là où l'autre est réduit au silence ou au bégaiement.

Puisque ce tiers vise à forger un espace d'entente lors d'un conflit, il doit creuser un passage pour rejoindre l'autre par le biais d'une valeur humaine : responsabilité, compassion, projet commun, etc. C'est dans ce genre de situation que les moyens de communication habituels s'avèrent déficients ou inutiles, et c'est à l'interprète qu'incombe alors la responsabilité de lutter pour maintenir le dialogue. Au fond, le travail consiste à montrer que les différences ne sont qu'apparentes, illusives et temporaires, et qu'il existe des points de jonction même au moment où un des interlocuteurs recule, hésite ou se réfugie dans le silence.

3 – La dernière catégorie de tiers est centrée sur l'interprète lui-même : à force de côtoyer la différence de très près, à cause de l'effort qu'il fournit pour l'entendre et la comprendre, l'interprète subit un travail sur sa propre conscience qui, pourrait-on dire, se fragilise à certains moments. Bakhtine explique la nature du juge et témoin dans ces mots :

« un sur-homme, un sur-moi, autrement dit, un juge et témoin de *tout* l'homme (de tout le *moi*), par conséquent, non plus un homme, un *moi*, mais *l'autre*. Ma propre réfraction en un autre empirique au travers duquel il me faut passer pour déboucher sur le *moi-pour-moi* (ce *moi-pour-moi* peut-il être solitaire ?). L'absolue liberté de ce *moi*. » (*Ibid.*, « Les carnets », p. 357).

Déjà en 1923-24, Bakhtine aborde dans les « Notes de Poumpianskij » ce concept défini alors en termes de conscience religieuse ayant besoin d'une troisième présence, d'un juge potentiel qui évalue, parce que cette conscience est ouverte à une réévaluation de l'extérieur, étant donné qu'elle se trouve à l'opposé de la conscience morale, autonome, immanente et auto-consciente, qui n'exige que deux participants puisque le troisième est assimilé : un qui impose les principes moraux et l'autre qui lui obéit. Dans ce cas, l'évaluation de moi, conclut Bakhtine, provient toujours de l'extérieur (Bakhtine, 1992, p. 235), elle n'est pas intériorisée, incorporée dans le moi-pour-moi.

Plus tard, en étudiant l'oeuvre de Dostoïevski, le penseur définit le phénomène du mot avec un « coup d'oeil de côté » incarnant le discours sur soi-même, « déterminé par le mot réfléchi d'un "étranger" » (Bakhtine, 1970, p. 268). La plupart des héros dostoïevskiens vivent en effet en constante confrontation avec la présence, le regard et la parole de l'autre :

Le héros se juge en fonction de l'idée qu'il se fait d'autrui et de l'opinion sur soi qu'il lui suppose. La conscience de soi est sans cesse doublée par la conscience qu'en a autrui; le « moi pour moi-même » se réfère constamment au « moi pour les

autres ». C'est pourquoi le mot du héros sur lui-même se construit sous l'influence incessante du mot d'autrui à son sujet. (*Ibid.*, p. 269)

Il s'agirait d'un auditeur, ce que Dostoïevski souligne lui-même dans l'avant-propos à sa nouvelle *Douce* : « Tantôt l'homme se parle à lui-même, tantôt il s'adresse à quelque auditeur invisible, à un juge »⁴⁴.

La signification de ce tiers loge dans l'obligation de prendre l'être humain dans sa dimension existentielle et morale et non psychologique ou instrumentale. Le juge et témoin est une autre conscience qui parle sans parler vraiment, qui s'exprime sans condamner, mais qui atteint les profondeurs de la conscience individuelle sur laquelle elle a le pouvoir d'agir. En d'autres termes, se situant à l'extérieur, sans coïncider avec le lieu de l'énonciation de l'autre/des autres, le juge et témoin présuppose l'impossibilité d'une compréhension totale, sans résidu, qui correspondrait en traduction et en interprétation à un transfert de sens total ou absolument fidèle. Par exemple, l'interprète qui travaille dans un camp de réfugiés politiques peut mettre en doute les valeurs démocratiques ou la validité des institutions qu'ils représentent : d'un côté, témoin de l'autorité absolue de l'État et de l'autre, de tant de situations critiques qui ont un impact immédiat et irréversible sur la vie des réfugiés, il risque de perdre sa neutralité, exposé à la présence tangible de l'autre, à son regard parfois suppliant, à sa peine, à son désespoir ou à sa colère.

Les trois catégories de tiers assument donc différentes fonctions : (1) s'ouvrir au discours de l'autre, (2) créer un espace de communication lors d'un conflit, (3) faire un travail sur sa propre conscience. Dans le domaine de la communautaire, l'interprète en tant que tiers fait parler les voix dans leur pluralité, leurs différences et leurs divergences, celles du client et de l'intervenant social qui se retrouvent dans un face-à-face. Le respect des actants consiste dans la préservation d'un univers plurivocal qu'ils représentent tous les deux, sans vouloir l'achever ni chercher à lui donner une unité cohérente. Coïncider avec le tiers signifie viser le dépassement des frontières, non pas pour englober, exclure ou condamner l'autre mais pour entrer en contact avec lui et dialoguer. Et dialoguer ne signifie pas créer un *nous* englobant, une somme totale des *je*, mais créer un lieu propice où tout le monde sera engagé dans la quête du sens. Le tiers ne présuppose pas non plus l'adhésion à une valeur quelconque : au

⁴⁴ Cité par Bakhtine, 1984, p. 306, note 1.

contraire, c'est le positionnement, le point de vue qui compte, confronté par la réponse de l'interlocuteur.

Ce qui est justement propre à la communautaire c'est l'incertitude vis-à-vis du sens. Dans un face-à-face, la langue, certes, produit du sens, mais au-delà, le sensible s'impose et il faut le prendre en charge et l'interpréter. De plus, chaque rencontre crée un événement unique, imprévisible, parfois impossible à contrôler, et l'improvisation, la créativité, l'anticipation, sont de mise dans bien des cas.

La confrontation entre le professionnel et le client – qui représentent souvent des univers très différents – provoque en même temps l'effritement des certitudes, les déplacements constants des catégories vrai et faux. Comme l'interprète participe activement – et il n'a pas d'autre choix – au rapprochement, il remettra continuellement en question son propre travail, ses capacités, ses interventions, ses choix. Tout un savoir social sera également interrogé, et il sera souvent témoin des doutes que le professionnel subira vis-à-vis de l'institution qu'il représente. Tout à coup, les zones floues apparaissent parce que le sens ne peut plus advenir du seul fait d'appartenir à une société et d'être encadré par une institution. Ces moments sont parfois redoutables pour l'interprète qui doit s'ajuster à la matérialisation des conflits entre l'intervenant et son client (deux cultures, codes moraux) et parfois entre les compétences professionnelles de l'intervenant en milieu social et la vie qui les dépasse. Il n'est pas rare dans ces cas de sentir une certaine agressivité à l'égard du client : il est celui qui ébranle les certitudes, qui déstabilise la routine, qui remet en question l'état des choses. Parfois, cela provoque l'humiliation du client qui se voit totalement autre, inférieur, ignorant, jugé. Et plus tard, une fois le travail d'interprétation accompli, l'évaluation de l'interprète devient problématique à cause de la nature complexe de l'intervention : il est impossible de qualifier son travail de bon ou de mauvais; les catégories efficace/inefficace seraient probablement plus justes, mais là encore, il faudrait définir ces termes en fonction de chaque situation et des besoins ponctuels.

Comme on l'a déjà dit, il est impensable de parler de la communautaire en fonction du transfert d'un contenu sémantique ou d'un message, comme si l'information circulait dans un conduit, passait par un canal unidirectionnel ; le travail consiste plutôt à rendre la parole

de l'autre – parole comme acte somatique qui sert à se dire, à se raconter dans toute sa visibilité et son audibilité –, travail dans lequel la conscience de l'interprète est totalement investie. Il lui est impossible de se séparer de cette parole qui devient relation ou appel, qui suscite engagement ou réaction. C'est d'autant plus évident lorsque l'interprète est placé devant une réalité dont le sens lui est encore étranger ou qui lui échappe. Il cherchera alors par anticipation le point de vue de la tierce personne pour trouver lui-même des réponses nécessaires. Puisque l'interprète interagit avec des institutions, son comportement proactif, centré sur l'anticipation, mènera à créer de nouvelles audiences, en déplaçant des frontières, en cherchant de nouveaux points de contact. C'est pourquoi, l'interprète est un point de jonction entre le réel et le virtuel, entre ce qu'on fait d'habitude ou ce qu'on doit faire selon les normes – et ce qu'on pourrait faire, créer, inventer, ouvrir.

Sans le tiers, le dialogue se limiterait à un accord absolu – fusion, consensus – ou à deux monologues, à deux voix distinctes en pleine divergence, à deux individus atteints de surdité. Concevoir le tiers, au contraire, c'est affirmer la différence et contribuer à se rapprocher de l'autre sans l'anéantir. Et le rôle du tiers est particulièrement important dans les contextes asymétriques – comme c'est le cas de la communautaire – parce qu'il est le seul qui rend possible la traduction du discours marginal vers le discours dominant, sinon la place tout entière serait laissée à l'ordre du discours, au savoir doxique, qui n'a ni visage ni parole.

En fin de compte, l'interprétation en milieu social montre l'invalidité du modèle de communication classique (point d'origine – point d'arrivée), mais qui est tout à fait valide en simultanée et en consécutive. Si cette activité reste dialogique, c'est parce que l'interprète peut influencer l'orateur et le déroulement du discours. Il participe activement à l'interaction linguistique et sociale en décontextualisant le message, en le ré-interprétant à partir de sa topologie, en donnant une deuxième version, parfois même élargie par ses commentaires additionnels. L'interprète non seulement traduit, mais coordonne la situation de l'interaction verbale : il questionne, explique, persuade, consent, réconforte, accuse, ment, nie, etc. C'est ainsi qu'un lieu d'échange complexe se réalise où, grâce à la présence du tiers, personne n'est réduit à l'objet ; où les intentionnalités différentes se côtoient et où l'individu prend conscience d'appartenir à un monde plus vaste que son topos. Mais pour bâtir un tel lieu d'échange, il est nécessaire de créer un langage, une syntaxe, des modèles

de communication capables d'établir des liens lors des interactions plurilingues asymétriques. Sans aucun doute, la communautaire occupe ce lieu d'échange difficile et solvante conflictuel qu'il n'est plus possible de négliger sous prétexte de fidélité et de transparence.

Le dernier point à souligner concerne les biographies des interprètes en milieu social. Antoine Berman, puisqu'il s'intéressait à l'herméneutique, a probablement été le premier à signaler l'importance des facteurs biographiques dans l'activité de traduction. Loin d'être uniforme du point de vue du comportement professionnel, le travail de l'interprète en milieu social variera selon son origine et selon son attitude vis-à-vis d'autres participants. L'analyse des dispositifs discursifs devrait donc inclure les points d'alliances selon l'origine de l'interprète :

- l'interprète en tant que membre de la société d'accueil (il sera porte à défendre les institutions et les valeurs de sa culture ; son point d'alliance – le professionnel, l'institution, la société);
- en tant que compatriote du client (il risque de manipuler et de mentir au nom de la solidarité ; son point d'alliance – le client);
- ni l'un ni l'autre, ce qui ne signifie pas pour autant la neutralité (selon son origine et l'origine du client, il risque de manifester de l'hostilité à l'égard du celui-ci s'il existe une injustice historique qui les sépare ; son point d'alliance – soit le professionnel qui représente le pays d'accueil, soit la solidarité avec son pays d'origine).

Autant le tiers comme destinataire lointain, que le tiers qui intervient dans le dialogue au point zéro, ainsi que le tiers en tant qu'auditeur invisible (juge et témoin) – témoignent d'un surplus extra-verbal et extra-social qui agit sur l'intervention dans le milieu social, intervention d'emblée plurielle (langue, culture, mémoire, histoire). On a solvant identifié le tiers avec la force régulatrice qui serait exclusivement d'ordre social, imposant donc un certain comportement, des valeurs partagées par la communauté, alors que la pratique elle-même nous montre que la communautaire met en scène une interaction beaucoup plus complexe dans laquelle sont investies des forces et des motivations parfois peu perceptibles, parfois même obscures.

Théoriser la communautaire sert justement à rendre cette pratique professionnelle un peu plus claire. Apparentée à la fois à la traduction et à l'interprétation, la communautaire constitue en même temps un nouveau défi. Tout d'abord, en tant que champ de réflexion émergeant, elle provoque des remaniements du domaine traductologique et remet en question un savoir déjà acquis ; en tant que mode d'interprétation marginal, elle exige une recherche approfondie du processus lui-même encore peu étudié; en tant que pratique, elle soulève des questions d'ordre professionnel qui devraient définir la formation à suivre, le statut de l'interprète ainsi que l'éthique⁴⁵. Si le scandale de la traduction – selon la formule de Venuti – est sa marginalisation généralisée, explorer sa propre périphérie et surtout ses propres blocages épistémologiques pourrait s'avérer hautement productif autant pour la traduction que l'interprétation, autant pour la théorie que la pratique.

Université de Montréal

Références

BAKHTINE, Mikhaïl (1970). *Poétique de Dostoïevski*. Tr. Isabelle Kolitcheff. Paris, Seuil.

BAKHTINE, Mikhaïl (1984). *Esthétique de la création verbale*. Tr. Alfreda Aucouturier. Paris, Gallimard.

BAKHTINE, Mikhaïl (1992). «Notes de Poupkinskij». *Bakhtine comme philosophe*. Présenté par N. I. Nikolaev. Moscou, Naouka, pp. 221-252 (en russe).

FISH, Stanley (1980). *Is There a Text in This Class? The Authority of Interpretative Communities*. Cambridge et Londres, Harvard University Press.

GENTILE, Adolfo, Uldis OZOLINS et Mary VASILAKAKOS (1996). *Liaison Interpreting. A Handbook*. Victoria (Australia), Melbourne University Press.

GILE, Daniel (1995). *Regards sur la recherche en interprétation de conférence*. Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires de Lille.

⁴⁵ Nous signalons un excellent ouvrage collectif dans lequel les auteurs soulèvent justement ces questions : *Translation, Research and Interpreting Research. Traditions, Gaps and Synergies*, dir. Ch. Schäffner. Dans le chapitre 11, signé par F. Pöchnacker, on discute de l'importance qu'il faudrait accorder à la théorisation de la communautaire : « the need for an accepting attitude toward theoretical contributions, whether labeled as speculation, reflection, introspection, modeling, hypothesising or theorising, arises especially for IS as a young field rooted in and growing out of professional practice » (p. 106).

LYOTARD, François (1979). *La condition postmoderne. Rapport sur le savoir*. Paris, Les Éditions de Minuit.

MAINGUENEAU, Dominique (1991). *L'analyse du discours. Introduction aux lectures de l'archive*. Paris, Hachette.

SCHÄFFNER, Christina (2004). *Translation, Research and Interpreting Research. Traditions, Gaps and Synergies*. Clevedon, Buffalo, Toronto, Multilingual Matters Ltd.

RÉSUMÉ : L'interprétation communautaire : un modèle de communication « trialogique »

– Il sera question de réfléchir sur l'interprétation communautaire, particulièrement sur les rapports qui existent entre le professionnel, le client et l'interprète lors d'un échange interculturel. Asymétrique, ce type d'intervention génère plusieurs niveaux de difficultés (langue, culture, code moral, pouvoir). En se servant du concept de tiers de Mikhaïl Bakhtine, il s'agira d'introduire une discussion sur les facteurs humains qui entrent en jeu lors d'une entrevue, au moment où l'interprète risque d'obéir à sa conscience ou à ses sentiments et non pas aux normes professionnelles et sociales.

Mots-clés: interprétation communautaire, communication interculturelle, tiers, « trialogue ».

APÊNDICE B – TEXTO DE CHEGADA

Interpretação comunitária: Um modelo de comunicação "trialógica".

Aurelia Klimkiewicz

Normalmente a diferença entre tradução e interpretação é definida pelo meio utilizado (escrito/oral), assim como em função da situação de comunicação: na tradução essa última ocorre na ausência do autor e do receptor, enquanto que na interpretação todos os participantes estão de fato presentes durante a troca verbal. Enquanto a tradução cobre diferentes campos e línguas de especialidade, a interpretação é mais definida em termos de restrições temporais, bem como em função do espaço em que o processo se desenvolve: escola, hospital, prisão, delegacia de polícia, serviços de imigração ou jurídicos, campos de refugiados, etc.

Mas a divergência fundamental reside, pode-se dizer, em outro nível: ao reunir um profissional e seu cliente, o intérprete social participa de uma relação assimétrica do ponto de vista do poder e do saber. Como ele trabalha para estabelecer uma comunicação com vocação recíproca, ele deve se dedicar a um ato colaborativo - às vezes utilizando a diplomacia, às vezes a inventividade, ou mesmo a astúcia -, que consiste em criar um espaço de entendimento para a satisfação de todos os atores do processo, para além da incompreensão mútua ou dos conflitos às vezes intransponíveis, que põem em risco o fluxo da fala.

Embora nos últimos dez anos a interpretação comunitária tenha se tornado cada vez mais popular nos círculos acadêmicos e profissionais - ao contrário da interpretação simultânea e da consecutiva -, ela ainda ocupa um lugar marginal nos programas de formação e aperfeiçoamento; e continua sendo uma profissão não regulamentada e pouco reconhecida. No entanto, é uma atividade profissional amplamente praticada em sociedades multiétnicas, uma atividade que se assemelha a uma espécie de laboratório que permite observar os diversos contextos de comunicação intercultural e os diversos comportamentos humanos e institucionais resultantes de divergências culturais, sociais, econômicas e jurídicas. Muito frequentemente, essas características podem ensejar a desaceleração, o descarrilamento ou até mesmo o bloqueio da troca verbal.

O objetivo deste artigo é identificar o processo interpretativo, que parte de uma dinâmica assimétrica e possui natureza "trialógica", já que envolve três atores - o cliente, o interveniente e o intérprete - que participam da troca verbal, ao mesmo tempo em que criam um espaço de comunicação intercultural ativo. Além das questões técnicas ou estritamente focadas no aspecto profissional, parece valer a pena abordar o componente humano que intervém no processo interpretativo. É exatamente a interpretação comunitária que representa um terreno propício à exploração dos sentimentos e das emoções que, neste caso particular, irrompem e influenciam o curso da comunicação. Embora a transferência interlinguística possa ser facilmente ocultada em muitas situações - e a tradução etnocêntrica atesta isso -, ela não pode de forma alguma ser ignorada em um encontro face a face, baseado em certa reciprocidade.

Como especifica Daniel Gile, a interpretação de conferências consiste em substituir "um discurso de alto nível formal e conceitual em outro idioma, em sua íntegra, e respeitando o mesmo nível do discurso" (Gile, 1995, p. 12). Neste caso, o intérprete não traduz um simples diálogo, mas um discurso formal, adequado a esse tipo de situação de comunicação (conferências, assembleias, reuniões oficiais etc.). A mesma exigência é mantida, mesmo quando o registro do falante é inadequado: o intérprete tenderá instintivamente a antecipar as expectativas do público-alvo, a reduzir a distância entre o falante e o receptor, utilizando uma linguagem mais polida.

A interpretação comunitária, por sua vez, se insere em um lugar mais complexo, pois ela enseja uma comunicação altamente assimétrica entre o profissional e seu cliente, devido à hierarquização em diversos níveis:

- idioma menor - idioma maior
- saber, competência – não-saber, ignorância
- instituição - indivíduo
- estruturas, leis, regulamentos - experiência, sentimentos.

Como regra geral, neste tipo de intervenção as relações de poder são quase palpáveis: se o profissional se dedica a traduzir (decodificar) o outro, enquanto autoridade em seu campo

de atividade, o cliente se sente constantemente obrigado a se traduzir, ou seja, a se explicar, a esclarecer certas informações, a dizer de si para se tornar acessível ao seu interlocutor. Como sujeito fora da história, o cliente pode até parecer uma espécie de bárbaro, se expressando em um idioma totalmente incompreensível; às vezes incapaz de articular um discurso inteligível, ou de responder claramente às perguntas que lhe são feitas. Tais situações são particularmente frequentes durante entrevistas com imigrantes ilegais, nacionais de países com regimes totalitários ou que enfrentam eventos traumáticos (guerras, conflitos militares, genocídios etc.). O uso de onomatopeias, gagueira, caretas, gestos pronunciados, postura, movimento corporal exagerado, são muitas vezes sinais extralinguísticos que mostram o outro como uma diferença radical, aquela que escapa à compreensão.

Há algo profundamente embaraçoso, até mesmo perturbador, na visibilidade do estrangeiro situado no centro do evento, encurralado - a palavra não é forte o bastante - entre o interveniente e o intérprete. É precisamente essa presença física inevitável do outro (seu corpo, sua voz, suas emoções) que destrói o famoso mito da transparência - condição utópica que procura eliminar obstáculos culturais e linguísticos, em nome de um sentido universal que transcende as diferenças; e isso com o objetivo de facilitar a comunicação ou a circulação do saber. Tradicionalmente, a tradução abriga e gera várias manifestações desse mito: a tradução fiel ao público de chegada - ou etnocêntrica - seria uma das encarnações mais difundidas desse mito, pois ela nivela as diferenças em favor do horizonte de expectativa do público-alvo. Da mesma forma, outros tipos de tradução, como a dublagem, que elimina a presença do outro idioma; a interpretação simultânea, que distancia o intérprete do campo de visão; a localização, que visa uma mobilidade pura, sem obstáculos ou fronteiras; e a tradução automática, que descarta o sujeito tradutor, todas tendem a ocultar a passagem, a apagar a transferência interlinguística.

Por outro lado, tanto a tradução estrangeirizante quanto a legendagem e a interpretação comunitária introduzem regras do jogo que fundamentalmente desconstroem a ideia de transparência, ao mesmo tempo em que desafiam a comunicação universal. Em outras palavras, cada vez que a tradução se manifesta - seja pelo respeito à letra, seja pela inserção

de legendas, ou devido à presença real do sujeito que traduz/que interpreta - uma resistência a acompanhar, seja da parte do receptor, do cliente ou de outro ator no processo.

É por isso que a interpretação comunitária representa um caso à parte, um caso interessante a se estudar, já que o intérprete assume plenamente sua visibilidade, o que também contribui para o sucesso da comunicação⁴⁶. É este terceiro (intermediário, mediador, passador) que reduz a distância entre dois interlocutores – como, aliás, é o caso na interpretação simultânea e na consecutiva - e trabalha para criar outro espaço de comunicação, rompendo com a linearidade da transferência, de acordo com a linha unidirecional: emissor-mensagem-receptor. O intérprete então encarna uma figura móvel cujo discurso circula entre vários eixos dialógicos: interveniente - cliente (fidelidade, neutralidade), interveniente - intérprete (comentário), intérprete - cliente (comentário), intérprete - sua própria consciência (valor agregado ao contexto da comunicação). Em outras palavras, seu trabalho consiste em negociar o sentido entre todos os participantes do processo e não apenas transmitir o conteúdo informativo de um idioma a outro. No papel de si mesmo o intérprete transfere o sentido; no papel de informante ele comenta, explica, acrescenta informações; o intérprete também pode se impor como juiz ou testemunha que fala em nome de alguém ou que defende um valor (verdade, honestidade, lealdade, solidariedade, democracia etc.). Mas o juiz ou testemunha pode ter ainda outra função: a de incorporar o discurso do interlocutor em seu próprio discurso, e assim ver a si mesmo através da opinião alheia.

É o conceito de ‘terceiro’ de Mikhail Bakhtin que será usado para melhor apreender o papel do intérprete e seguir o caminho do discurso encapsulado em uma célula triangular, entre o profissional, o cliente e o intérprete. Em primeiro lugar, o ‘terceiro’ questiona a epistemologia clássica que privilegia a relação de identidade entre sujeito e o objeto, como se o acesso à realidade pudesse ser feito de forma direta.

Confrontando estruturas de pensamento baseadas na analogia, na síntese, no dualismo, na semelhança, na não contradição, na continuidade e na identidade, o ‘terceiro’ desconstrói a

⁴⁶ Intérpretes sociais também trabalham remotamente (por telefone, videoconferência etc.). Portanto, sua visibilidade ou invisibilidade varia de um contexto de trabalho a outro.

lógica do mesmo que só pode conceber dois tipos de relação: seja a de fusão (você é como eu e vice-versa), seja a de oposição que exige que o outro permaneça em um exterior absoluto (você não é como eu, como nós, portanto, você está excluído). Outro ponto importante a ser levantado: o 'terceiro' faz com que o trabalho do intérprete seja compreendido para além de seu papel estritamente profissional, enquadrado pela instituição⁴⁷. Portanto, isso chama atenção para os fatores humanos que intervêm na comunicação intercultural.

Por razões metodológicas, excluimos de imediato a primeira categoria de terceiro, chamada de "posição do terceiro", que Bakhtin expõe em *Problèmes du texte*, pois ela se restringe ao pensamento abstrato, fora da vida concreta:

Existe, no abstrato, a *posição do terceiro* que se identifica com a "posição objetiva", e como tal com o "conhecimento científico". A posição do terceiro é inteiramente justificada quando o indivíduo pode se colocar no lugar de outro indivíduo, quando os indivíduos são absolutamente intercambiáveis, o que é possível e justificado apenas nos casos em que se busca uma solução de problemas que não envolvam a pessoa em sua totalidade e não reprodutibilidade, ou seja, quando o homem se especializa, expressando apenas uma parte separada do seu todo, de sua pessoa, quando sua qualidade de "engenheiro", de "físico", etc., substituirá seu *eu* (Bakhtin, 1984, p. 364, tradução nossa)⁴⁸.

Em linguística pragmática, esta categoria de supra destinatário

desempenha o papel de um Outro que seria ao mesmo tempo um par e um pai, o duplo ideal do falante. Mas a relação com esse duplo irá variar dependendo da posição que se pensa ocupar na área, do crédito que se pensa ter nela, em razão de sua trajetória passada e de suas expectativas de carreira. Como o artigo científico não é um simples vetor de ideias, ele permite apoiar ou influenciar em certa direção a posição que se ocupa (Maingueneau, 1991, p. 194, tradução nossa)⁴⁹.

⁴⁷ "O papel é uma construção das ciências sociais, usado para explicar o comportamento e examinar as atitudes entre pelo menos dois atores em uma situação social" (p. 30). Ver o capítulo 3, «The Role of the Interpreter», in Adolfo Gentile, Uldis Ozolins e Mary Vasilakakos *Liaison Interpreting: A Handbook*, 1996, p. 30-40.

⁴⁸ il existe, dans l'abstrait, la *position du troisième* qu'on identifie à la « position objective » en tant que telle, à la « connaissance scientifique ». La position du troisième est entièrement justifiée là où un individu peut se mettre à la place d'un autre individu, là où les individus sont absolument interchangeables, ce qui est possible et fondé seulement dans le cas où l'on cherche une solution à des problèmes qui ne sollicitent pas la personne dans sa totalité et sa non-reproductibilité, autrement dit, là où l'homme se spécialise, exprimant seulement une partie détachée de son tout, de sa personne, là où sa qualité d'« ingénieur », de « physicien », etc., sera substituée à son *moi*. (Bakhtine, 1984, p. 364).

⁴⁹ joue un rôle d'un Autre qui serait à la fois un pair et un père, double idéal de l'énonciateur. Mais la relation à ce double variera en fonction de la position que l'on pense occuper dans le champ, du crédit que l'on pense y posséder en raison de sa trajectoire passée et de ses anticipations de carrière. Car l'article scientifique n'est pas un simple vecteur d'idées, il permet de conforter ou d'infléchir dans un certain sens la position que l'on occupe (Maingueneau, 1991, p. 194)

Do ponto de vista hermenêutico, S. Fish explica a importância da comunidade interpretativa, que desempenha o papel normativo na recepção dos textos. Da mesma forma, a ciência precisa de coerência para se legitimar. Como constata Lyotard, "a verdade do enunciado e a competência do enunciador estão (...) sujeitas ao consentimento da coletividade dos iguais em competência" (Lyotard, 1979, p. 45, tradução nossa). A aparente objetividade científica é fruto de um trabalho crítico, que também veicula valores extracientíficos consideráveis, relacionados à tradição crítica. Na tradução e na interpretação, este terceiro abrangente se manifesta tanto nas normas, - que regulam a atividade profissional que negligencia o fator humano e se concentra mais propriamente na circulação eficaz da informação -, quanto nas necessidades ou nos hábitos do receptor. Por ser um contexto de comunicação vasto, fragmentado e maleável, a interpretação comunitária força todos os participantes a forjarem um modelo de comunicação polifônico, aberto a outro tempo e outro espaço.

Além deste terceiro normativo no qual o subjetivo é diluído e que pertence ao pensamento abstrato, ao saber objetivado, outros tipos de terceiros são definidos por Bakhtin: aqueles que se manifestam na língua viva em que (1) o terceiro garante tanto a escuta de todos os participantes para depois testemunhar por cada um deles (o terceiro como destinatário distante), quanto (2) uma mediação no caso em que o diálogo é interrompido (o terceiro que testemunha à distância, do conflito), ou ainda (3) um ponto de vista exterior à comunicação imediata (o terceiro como juiz e testemunha).

Parece-nos que as três categorias de terceiro que acabamos de mencionar lançam uma luz diferente sobre o processo interpretativo. Embora a transferência continue sendo uma grande preocupação, as questões exclusivamente linguísticas ou éticas correm o risco de obscurecer toda a situação de interpretação, forçando todos os participantes a se ajustarem a cada situação. Se a instituição enquadra a conduta formal da intervenção, impondo um código de conduta pré-determinado às três partes (o interveniente, o cliente e o intérprete), como podem ser capturados os momentos críticos do encontro, momentos que fazem com que a comunicação fique fora de controle, em razão do "excedente humano" incontrolável?

Que importância deve ser dada a esse excedente? Como deve ser tratado? Como pode ser teorizado?⁵⁰

Em primeiro lugar, o terceiro em sua dimensão humana não é uma predisposição dada antecipadamente a todo indivíduo; pelo contrário, é antes um estado de consciência profundamente marcado por um despertar para a diferença. Bakhtin concede esta posição ao personalista que "se distingue [...] por sua liberdade interior excepcional, sua perfeita independência do ambiente circundante"⁵¹ e para quem a existência e o conhecimento estão situados em um espaço em movimento constantemente criado e recriado entre os interlocutores, que coexistem todos na consciência da pessoa que então se torna uma personalidade. Pode-se acreditar que certos indivíduos são mais predispostos a assumir o papel de um terceiro: imigrantes, exilados, membros de uma diáspora, etc., pois pertencem a um universo heterogêneo e fragmentado. Contudo, isso não garante uma abertura de espírito em relação ao outro. O terceiro pode, de fato, ser assumido por um indivíduo que vive permanentemente em sua comunidade, mas que resiste à relação de fusão com seus semelhantes. Da mesma forma, o intérprete social manifesta diferentes comportamentos profissionais que podem ser motivados – além das regras institucionais - por sentimentos em relação ao estrangeiro (medo, desprezo, compaixão etc.), ou em relação à instituição (acordo ou desacordo).

1 - A primeira categoria de terceiro representa o poder de criação, a capacidade de se projetar no tempo ou em um lugar distante. Em "Le Problème du texte", Bakhtin define este conceito da seguinte forma:

Um autor nunca pode confiar inteiramente nisso e entregar toda a sua produção verbal à única vontade absoluta e *definitiva* dos destinatários atuais ou próximos (sabemos que mesmo os descendentes mais próximos podem estar errados), e ele sempre pressupõe (com maior ou menor consciência) alguma instância de compreensão responsiva que pode divergir em várias direções. Qualquer diálogo se dá, digamos, na presença do terceiro, invisível, dotado de uma compreensão

⁵⁰ Embora nosso artigo tenha um caráter teórico, a reflexão é parte da experiência profissional que nos levou a trabalhar em diferentes contextos: campo de refugiados políticos na Itália, Consulado Canadense em Roma, escolas do Quebec, serviços de imigração etc.

⁵¹ Definição de Askoldov, citada por Bakhtin (1970, p. 39).

responsiva, que se situa acima de todos os participantes do diálogo (os parceiros) [...] (Bakhtin, 1984, p. 336-337, tradução nossa).⁵²

Embora esta definição seja limitada ao texto literário ou filosófico, este terceiro permanece válido onde o discurso se abre à diferença, a um horizonte inexplorado, onde cria possibilidades. Incorporando a superação de si mesmo, ele nos obriga a ver a situação de uma perspectiva para além do imediato. Aliás, este é o papel do intérprete social: em muitos casos, ele deve inventar estratégias de comunicação, ao mesmo tempo em que sensibiliza os participantes para realidades inéditas.

Variável, ilimitado, multidirecional, este tipo de terceiro pressupõe uma infinidade de possibilidades imprevisíveis. Na literatura, por exemplo, um leitor contemporâneo de uma tragédia grega torna-se seu terceiro participante engajado nos eventos descritos, mas distanciado deles por pertencer a outra época, a um modo de pensar diferente daquele da Antiguidade. A interpretação comunitária, por sua vez, requer um esforço sustentado para superar os limites da comunicação recíproca, que ocorre em um quadro mais móvel e mais fragmentado do que o habitual, devido à presença de várias entidades culturais e linguísticas. Cada passo adiante realmente aprimora a comunicação e ajuda a conhecer melhor o outro. Em algumas situações, o intérprete fornece informações suplementares, de livre e espontânea vontade, buscando lançar uma luz mais ampla sobre os fenômenos que o interveniente não compreende. Por exemplo, se uma criança russa - que acaba de chegar a Montreal, em um momento de mudanças políticas em seu país - apresenta um comportamento de criança que sofreu abuso, o intérprete pode chamar a atenção para possíveis causas, que não sejam a autoridade dos pais, para ajudar os intervenientes a desvendar melhor certos distúrbios psicológicos, a examinar melhor os sintomas mencionados e muitas vezes classificados precipitadamente, de acordo com os procedimentos em vigor na sociedade de acolhimento. Em longo prazo, o profissional estará mais sensível, mais atento à escuta das vivências de seu cliente. E o cliente, por sua vez, instintivamente sentirá um esforço de colaboração - e não apenas o peso do julgamento - e

⁵² Un auteur ne peut jamais s'en remettre tout entier, et livrer toute sa production verbale à la seule volonté absolue et *définitive* de destinataires actuels ou proches (on sait que même les descendants les plus proches peuvent se tromper), et toujours il présuppose (avec une conscience plus ou moins grande) quelque instance de compréhension responsive qui peut être différée dans des directions variées. Tout dialogue se déroule, dirait-on, en présence du troisième, invisible, doté d'une compréhension responsive, et qui se situe au-dessus de tous les participants du dialogue (les partenaires) [...] (Bakhtine, 1984, pp. 336-337).

será encorajado a se abrir mais. Frequentemente esses momentos são verdadeiramente mágicos, surgidos sob a forma de um suspiro de alívio ou de um riso amigável, que fazem com que as barreiras desapareçam momentaneamente.

2 - Mas o terceiro pode ter outra função: abarcar vozes distintas, mesmo aquelas que são antagônicas e que se excluem mutuamente. Ao mesmo tempo, este terceiro nunca poderá se encontrar preso em um discurso fechado e monológico (lei, ordem). Bakhtin explica esta situação como "o contexto dialógico real [...] acessível, mas onde nenhum contato de sentido entre as réplicas é possível (ou imaginável). Nível zero da relação dialógica. É aqui que aparece claramente o ponto de vista do *terceiro* no diálogo (daquele que não participa do diálogo, mas que *o compreende*). A compreensão do todo do enunciado é sempre dialógica." (*Ibid.*, p. 335). E ainda: "compreender é, necessariamente, tornar-se o *terceiro* no diálogo" (*Ibid.*, p. 335). E a compreensão, vista da posição do terceiro, da exterioridade, tem uma dimensão ética, a da responsabilidade de escutar o outro ou de falar em seu nome, onde o outro é reduzido ao silêncio ou à gagueira.

Uma vez que este terceiro visa forjar um espaço de entendimento durante um conflito, ele deve cavar uma passagem para alcançar o outro por meio de um valor humano: responsabilidade, compaixão, projeto comum, etc. É neste tipo de situação que os meios de comunicação habituais se revelam deficientes ou inúteis, sendo que incumbe ao intérprete a responsabilidade de lutar para manter o diálogo. Basicamente, o trabalho consiste em mostrar que as diferenças são apenas aparentes, ilusórias e temporárias, e que há pontos de junção, mesmo quando um dos interlocutores recua, hesita ou se refugia no silêncio.

3 - A última categoria de terceiro se concentra no próprio intérprete: por acompanhar a diferença de muito perto, pelo esforço que faz para ouvi-la e compreendê-la, o intérprete trabalha sua própria consciência, que - pode-se dizer - se fragiliza em determinados momentos. Bakhtin explica a natureza do juiz e testemunha com as seguintes palavras: "um super-homem, um super-*eu*, ou seja, um juiz e testemunha de *todo* o homem (de todo o *eu*); e, por consequência, não mais um homem, um *eu*, mas o *outro*. Minha própria refração no outro empírico, pelo qual tenho que passar para desembocar no *eu-para-mim* (esse *eu-para-mim* pode ser solitário?). A absoluta liberdade desse *eu*". (*Ibid.*, "*Les carnets*", p.357).

Já em 1923-24, Bakhtin aborda nas "Notes de Poumpianskij" este conceito então definido em termos de consciência religiosa, necessitando de uma terceira presença, de um juiz em potencial que avalia, pois esta consciência está aberta à reavaliação do exterior, já que ela é o oposto da consciência moral, autônoma, imanente e autoconsciente; que requer apenas dois participantes, já que o terceiro é assimilado: um que impõe os princípios morais e o outro que os obedece. Neste caso, a avaliação do eu, conclui Bakhtin, vem sempre do exterior (Bakhtin, 1992, p. 235), não é internalizada, incorporada no discurso-para-mim.⁵³

Mais tarde, ao estudar a obra de Dostoievski, o pensador define o fenômeno do discurso como uma "olhada lateral" que encarna o discurso sobre si mesmo, "determinado pela palavra pensada de um 'estrangeiro'". (Bakhtine, 1970, p. 268). De fato, a maioria dos heróis dostoievskianos vive em constante confronto com a presença, o olhar e a fala do outro:

O herói se julga em função da ideia que ele faz dos outros e da opinião sobre si que ele supõe terem os outros dele. A autoconsciência é constantemente duplicada pela consciência dos outros. O "eu por mim mesmo" se refere constantemente ao "eu pelos outros". É por isso que o discurso do herói sobre si é construído sob a influência incessante do discurso do outro sobre ele (*Ibid.*, p. 269, tradução nossa).

⁵⁴

Ele seria um ouvinte, como o próprio Dostoievski enfatiza no prefácio de *Douce* ⁵⁵: "Às vezes o homem fala consigo mesmo; às vezes ele fala com um ouvinte invisível, com um juiz" ⁵⁶.

O significado deste terceiro reside na obrigação de assumir o ser humano em sua dimensão existencial e moral, e não na dimensão psicológica ou instrumental. O juiz e testemunha 'é' outra consciência que fala sem realmente falar, que se expressa sem condenar, mas que atinge as profundezas da consciência individual sobre a qual ela tem o poder de agir. Em outras palavras, se situando no exterior, sem coincidir com o lugar de enunciação do(s) outro(s), o juiz e testemunha 'pressupõe' a impossibilidade de uma compreensão total, sem

⁵³ No original, « *mot-pour-moi* ». Como a autora anteriormente no texto utilizou o sintagma *moi-pour-moi*, nos perguntamos se a grafia *mot-pour-moi* não seria um erro de digitação. Como no parágrafo seguinte a autora dá sequência à sua reflexão sobre o "discurso", optamos por manter a tradução fiel ao original. De qualquer forma, ambas as traduções ('eu-para-mim' e 'discurso-para-mim') fariam sentido, tendo em vista o caráter filosófico da referência.

⁵⁴ Le héros se juge en fonction de l'idée qu'il se fait d'autrui et de l'opinion sur soi qu'il lui suppose. La conscience de soi est sans cesse doublée par la conscience qu'en a autrui; le « moi pour moi-même » se réfère constamment au « moi pour les autres ». C'est pourquoi le mot du héros sur lui-même se construit sous l'influence incessante du mot d'autrui à son sujet. (*Ibid.*, p. 269)

⁵⁵ Obra conhecida no Brasil como 'Uma Criatura Dócil'.

⁵⁶ Citado por Bakhtin (1984, p. 306, nota 1).

resíduos, que corresponderia - em tradução e em interpretação - a uma transferência de sentido total ou absolutamente fiel. Por exemplo, um intérprete que trabalha em um campo de refugiados políticos pode questionar os valores democráticos ou a validade das instituições que eles representam: por um lado, testemunha da autoridade absoluta do Estado; por outro, de tantas situações críticas que têm um impacto imediato e irreversível na vida dos refugiados, ele arrisca-se a perder sua neutralidade, exposto à presença tangível do outro, ao seu olhar às vezes suplicante, à sua dor, desespero ou raiva.

Portanto, as três categorias de terceiro desempenham funções diferentes: (1) abrir-se para o discurso do outro, (2) criar um espaço de comunicação durante um conflito, (3) trabalhar a própria consciência. No campo da interpretação comunitária, o intérprete como terceiro faz com que as vozes falem em sua pluralidade, suas diferenças e divergências, as do cliente e do interveniente social, que se encontram cara a cara. O respeito aos atores consiste em preservar um universo plurivocal que ambos representam, sem querer completá-lo ou dar-lhe uma unidade coerente. Coincidir com o terceiro significa almejar o ultrapassar das fronteiras, não para englobar, excluir ou condenar o outro, mas para entrar em contato e dialogar com ele. E dialogar não significa criar um *nós* abrangente, uma soma total dos *eus*, mas criar um lugar adequado onde todos se empenhem na busca de um sentido. O terceiro não pressupõe tampouco a adesão a qualquer valor: pelo contrário, é o posicionamento, o ponto de vista que conta, confrontado com a resposta do interlocutor.

O que é peculiar para a interpretação comunitária é a incerteza *vis-à-vis* o sentido. Em um encontro cara a cara, a língua certamente produz sentido, mas, além disso, o sensível se impõe e deve ser cuidado e interpretado. Além disso, cada encontro cria um evento único, imprevisível, às vezes impossível de controlar; e a improvisação, a criatividade e a antecipação estão na ordem do dia em muitos casos.

O confronto entre o profissional e o cliente - que muitas vezes representam mundos muito diferentes - causa ao mesmo tempo a erosão das certezas, os constantes deslocamentos das categorias de 'verdadeiro' e 'falso'. Como o intérprete participa ativamente - e não tem outra escolha -, quando reunido com as partes ele questionará continuamente seu próprio trabalho, suas capacidades, intervenções e escolhas. Todo um saber social também será

igualmente questionado, e ele será frequentemente testemunha das dúvidas que o profissional terá *vis-à-vis* a instituição que ele representa. As áreas embaçadas de repente surgem, porque o sentido não pode mais advir do simples fato de pertencer a uma sociedade, e ser enquadrado por uma instituição. Esses momentos às vezes são temidos pelo intérprete, que tem que se ajustar à materialização dos conflitos entre o interveniente e seu cliente (duas culturas, dois códigos morais); e às vezes entre as competências profissionais do interveniente social e a vida que os atropela. Não é raro nestes casos sentir certa agressividade em relação ao cliente: é ele quem abala as certezas, quem desestabiliza a rotina, quem questiona o estado das coisas. Às vezes isso provoca a humilhação do cliente, que se vê como totalmente outro, inferior, ignorante, julgado. E mais tarde, uma vez concluído o trabalho de interpretação, a avaliação do intérprete torna-se problemática devido à natureza complexa da intervenção. É impossível qualificar seu trabalho como bom ou ruim; as categorias eficaz/ineficaz seriam provavelmente mais pertinentes, mas esses termos ainda teriam que ser definidos em função de cada situação e de necessidades pontuais.

Como já foi dito, é impensável falar de interpretação comunitária em termos de transferência de um conteúdo semântico ou de uma mensagem, como se a informação circulasse em um conduto, passando por um canal unidirecional. O trabalho antes consiste em devolver a palavra do outro (palavra como um ato somático que serve para dizer de si, para contar sobre si, em toda sua visibilidade e audibilidade). Um trabalho ao qual a consciência do intérprete se dedica totalmente. É para ele impossível separar-se deste discurso que se transforma em relação ou em chamado, que suscita engajamento ou reação. Isto é ainda mais evidente quando o intérprete é confrontado com uma realidade cujo sentido ainda lhe é estranho, ou que lhe escapa. Então, ele buscará por antecipação o ponto de vista da terceira pessoa, a fim de encontrar, por ele mesmo, as respostas necessárias. Como o intérprete interage com instituições, seu comportamento proativo, centrado na antecipação, levará à criação de novos públicos, deslocando fronteiras, em busca de novos pontos de contato. É por isso que o intérprete é um ponto de junção entre o real e o virtual, entre o que normalmente fazemos ou o que devemos fazer de acordo com as normas - e o que poderíamos fazer, criar, inventar, disponibilizar.

Sem o terceiro, o diálogo se limitaria a um acordo absoluto - fusão, consenso - ou a dois monólogos, à duas vozes distintas em total divergência; a dois indivíduos surdos. Conceber o terceiro, ao contrário, é afirmar a diferença e contribuir para se aproximar do outro, sem destruí-lo. E o papel do terceiro é particularmente importante em contextos assimétricos - como no caso da interpretação comunitária - porque ele é o único que torna possível a tradução do discurso marginal para o discurso dominante; caso contrário, o lugar inteiro seria deixado à ordem do discurso, ao conhecimento doxical, que não tem rosto nem fala.

No fim das contas, a interpretação social mostra a invalidade do modelo clássico de comunicação (ponto de origem - ponto de chegada), mas que é perfeitamente válido para a interpretação simultânea e para a consecutiva. Se esta atividade permanece dialógica é porque o intérprete pode influenciar o orador e o desenvolvimento do discurso. Ele participa ativamente da interação linguística e social, descontextualizando a mensagem, reinterpretando-a a partir de sua topologia, dando uma segunda versão, por vezes até mesmo ampliada por seus comentários adicionais. O intérprete não apenas traduz, mas coordena a situação de interação verbal: ele questiona, explica, persuade, consente, conforta, acusa, mente, nega, etc. É assim que um lugar de troca complexa acontece, onde, graças à presença do terceiro, ninguém é reduzido a um objeto; onde diferentes intencionalidades entram em contato e onde o indivíduo se torna consciente de pertencer a um mundo maior que seu topos. Mas para construir tal lugar de troca, é necessário criar uma linguagem, uma sintaxe, modelos de comunicação capazes de estabelecer vínculos em interações plurilíngues assimétricas. Sem dúvida, a interpretação comunitária ocupa este lugar de difícil troca, frequentemente conflituoso, que não pode mais ser negligenciado sob pretexto de fidelidade e de transparência.

O último ponto a ser destacado diz respeito à biografia dos intérpretes sociais. Antoine Berman, por se interessar pela hermenêutica, foi provavelmente o primeiro a ressaltar a importância dos fatores biográficos na atividade de tradução. Longe de ser uniforme em termos de comportamento profissional, o trabalho do intérprete social variará de acordo com sua origem e atitude *vis-à-vis* os outros participantes. Portanto, a análise dos dispositivos discursivos deveria incluir pontos de aliança, de acordo com a origem do intérprete:

- o intérprete - enquanto membro da sociedade de acolhimento - estará inclinado a defender as instituições e os valores de sua cultura. Seu ponto de aliança: o profissional, a instituição, a sociedade;
- como compatriota do cliente, ele corre o risco de manipular e mentir em nome da solidariedade. Seu ponto de aliança: o cliente;
- não sendo nem um nem outro, o que não significa neutralidade, dependendo de sua origem e da origem do cliente o intérprete corre o risco de mostrar hostilidade para com o cliente, caso haja uma injustiça histórica entre eles. Seu ponto de aliança: o profissional que representa o país de acolhimento ou a solidariedade com seu país de origem.

Tanto o terceiro como destinatário distante, quanto o terceiro que intervém no diálogo no ponto zero, como também o terceiro como ouvinte invisível (juiz e testemunha) – todos testemunham um excedente extraverbal e extrassocial que age sobre a intervenção no meio social, intervenção que é prontamente plural (idioma, cultura, memória, história). O terceiro é comumente identificado com a força reguladora que seria exclusivamente de ordem social, impondo assim certo comportamento, valores compartilhados pela comunidade, enquanto a própria prática nos mostra que a interpretação comunitária apresenta uma interação muito mais complexa, na qual são investidas forças e motivações, às vezes pouco perceptíveis, às vezes até mesmo obscuras.

Teorizar a interpretação comunitária serve precisamente para tornar esta prática profissional um pouco mais clara. Aparentada tanto com a tradução quanto com a interpretação, a interpretação comunitária constitui também um novo desafio. Em primeiro lugar, como campo emergente de reflexão ela provoca reformulações no campo dos estudos da tradução e questiona um saber já adquirido; como modo de interpretação marginal ela requer uma pesquisa aprofundada do próprio processo, ainda pouco estudado; como prática ela levanta questões de natureza profissional que deveriam definir a formação ideal, o *status*

do intérprete, assim como a ética⁵⁷. Se o escândalo da tradução - nas palavras de Venuti - é sua marginalização generalizada, explorar sua própria periferia, e acima de tudo seus próprios bloqueios epistemológicos, poderia revelar-se altamente produtivo, tanto para a tradução quanto para a interpretação; tanto para a teoria quanto para a prática.

Universidade de Montreal

Références

BAKHTINE, Mikhaïl (1970). *Poétique de Dostoïevski*. Tr. Isabelle Kolitcheff. Paris, Seuil.

BAKHTINE, Mikhaïl (1984). *Esthétique de la création verbale*. Tr. Alfreda Aucouturier. Paris, Gallimard.

BAKHTINE, Mikhaïl (1992). « Notes de Poumpianskij ». *Bakhtine comme philosophe*. Présenté par N. I. Nikolaev. Moscou, Naouka, pp. 221-252 (en russe).

FISH, Stanley (1980). *Is There a Text in This Class? The Authority of Interpretative Communities*. Cambridge et Londres, Harvard University Press.

GENTILE, Adolfo, OZOLINS, Uldis; VASILAKAKOS, Mary (1996). *Liaison Interpreting. A Handbook*. Victoria (Australia), Melbourne University Press.

GILE, Daniel (1995). *Regards sur la recherche en interprétation de conférence*. Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires de Lille.

LYOTARD, François (1979). *La condition postmoderne. Rapport sur le savoir*. Paris, Les Éditions de Minuit.

MAINGUENEAU, Dominique (1991). *L'analyse du discours. Introduction aux lectures de l'archive*. Paris, Hachette.

SCHÄFFNER, Christina (2004). *Translation, Research and Interpreting Research. Traditions, Gaps and Synergies*. Clevedon, Buffalo, Toronto, Multilingual Matters Ltd.

RESUMO: Interpretação comunitária: um modelo de comunicação "trialógico"

⁵⁷ Ressaltamos um excelente trabalho coletivo, no qual os autores levantam justamente estas questões: *Translation, Research and Interpreting Research. Traditions, Gaps and Synergies*, org. Christina Schäffner. No capítulo 11, assinado por F. Pöchnacker, discute-se a importância que deve ser dada à teorização da interpretação comunitária: “a necessidade de uma atitude de aceitação em relação às contribuições teóricas, sejam elas rotuladas como especulação, reflexão, introspecção, modelagem, hipotetização ou teorização, surge especialmente para SI como um campo jovem enraizado na prática profissional e que cresce fora dela” (p. 106, tradução nossa).

– Trata-se de uma reflexão sobre a interpretação comunitária, particularmente sobre a relação entre o profissional, o cliente e o intérprete durante um intercâmbio intercultural. Assimétrico, este tipo de intervenção gera vários níveis de dificuldades (idioma, cultura, código moral, poder). Utilizando o conceito de terceiro de Mikhail Bakhtin, o objetivo é introduzir uma discussão sobre os fatores humanos que entram em jogo durante uma entrevista, quando o intérprete corre o risco de obedecer a sua consciência ou sentimentos em vez de normas profissionais e sociais.

Palavras-chave: interpretação comunitária, comunicação intercultural, terceiro, “trialógico”.

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM O INTÉRPRETE

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DE EMOÇÕES

Esta entrevista tem por finalidade avaliar **aspectos emocionais e valorativos presentes** durante o atendimento aos solicitantes de refúgio ou asilo no Brasil. Por tratar-se de uma pesquisa acadêmica, a identificação do entrevistado será mantida em sigilo. Para que nosso estudo reflita o aspecto humano presente no exercício profissional, pedimos que sua resposta seja a mais completa e precisa possível. Para fins de melhor compreensão e reflexão sobre as questões, cada uma delas será repetida uma vez.

Este questionário é composto de 21 perguntas.

Quando a palavra ‘atendimento’ for utilizada, considere o momento em que você tem contato com o refugiado, no seu exercício profissional. Utilizaremos a palavra ‘refugiado’ para se referir à pessoa em atendimento, tenha ela já conseguido tal status ou não, ou para se referir ao asilado ou membro de sua família em atendimento. Seja em que tipo de situação for: entrevista, interpretação, audição, julgamento, interrogatório...

OBRIGADA POR PARTICIPAR!

1. (IDN) Por favor, identifique entre as alternativas abaixo a atividade profissional que permite que você tenha contato profissional com solicitantes de refúgio/asilo:

☐ Advogado ☐ Defensor ☐ Intérprete ☐ Juiz ☐ Promotor ☐ Servidor Administrativo

2. (IDN) Desde quando você exerce sua atividade profissional com refugiados, aproximadamente?

☐ Anos ☐ Meses ☐ Dias

3. (IDN) Qual a sua faixa etária, sexo e nacionalidade?

18 - 25 ☐ 26 - 35 ☐ 36 - 45 ☐ acima de 45 ☐ FEM ☐ MAS ☐ Nacionalidade: _____

4. (EMO) Relações humanas não prescindem de envolvimento emocional. No exercício de sua atividade profissional, em contato com refugiados ou asilados, **houve situações** em que a história/situação do indivíduo tenha afetado sua sensibilidade?

☐ Sim ☐ Não

Comentários (se houver):

5. (EMO) Com que frequência a história/situação em que o refugiado se encontra traz uma carga emocional **muito forte**?

☐ Frequentemente ☐ Às vezes ☐ Raramente ☐ Nunca

Comentários (se houver):

6. (EMO) As emoções para com um caso podem ser identificadas **antes, durante ou depois de um atendimento. Estamos falando das suas emoções.**

Essa resposta emocional pode surgir POR meio de sensações físicas (respostas do organismo tais como taquicardia, disfunções do intestino, dor de cabeça, tremores, choro, insônia, etc.).

Considerando as experiências que você teve (desde o início da atividade de intérprete), que grau de importância você daria às suas respostas emocionais (sensações físicas), a partir de sua própria experiência?

As emoções para com um caso podem ser identificadas **antes, durante ou depois de um atendimento. Estamos falando de você.**

Essa resposta emocional pode surgir POR pensamentos (respostas psicológicas, tais como sentimento de pena, desconfiança, empatia, raiva, etc.).

Considerando as experiências que você teve (desde o início da atividade de intérprete), que grau de importância você daria às suas respostas emocionais (pensamentos), a partir de sua própria experiência?

As emoções para com um caso podem ser identificadas **antes, durante ou depois de um atendimento. Estamos falando de você.**

Essa resposta emocional pode surgir POR percepções de alteração do próprio comportamento a partir de experiências com refugiados (**exemplo:** um pediatra - que costumava criticar com o olhar mães de crianças acidentadas, mudou seu comportamento quando ao trocar a antena de sua TV, perto da piscina em que seu filho nadava, perdeu o filho por afogamento. A partir daí, nunca mais criticou nenhuma mãe).

Considerando as experiências que você teve (desde o início da atividade de intérprete), que grau de importância você daria às suas respostas emocionais (percepções de mudança de comportamento), a partir de sua própria experiência?

	Grande importância	Média importância	Pequena importância
Sensações físicas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pensamentos em relação ao refugiado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Percepção de mudança do próprio comportamento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Comentários (se houver):

7. (EMO) *Em contato com refugiados, dado o poder discricionário que toda atividade profissional possui, são possíveis situações nas quais se corre o risco de obedecer à própria consciência, ou sentimentos, em vez de obedecer a normas ou técnicas profissionais.*

No meio profissional que você representa enquanto intérprete, com que frequência esse tipo de situação acontece? *Ou seja, com que frequência você obedece a própria consciência, ao invés de obedecer à norma ou à técnica?*

☐ Frequentemente ☐ Às vezes ☐ Raramente ☐ Nunca

Comentários (se houver):

8. (EMO) Com base na resposta dada na questão anterior, a que você atribui a decisão tomada por você?

Agora vamos simular algumas situações, possíveis ou não, durante o atendimento a um refugiado.

9. (VAL) Durante o atendimento, o solicitante de refúgio tem uma queda de pressão ou outra intercorrência que o deixe pálido, limitado em sua fala. Você percebe que isso ocorreu em razão de fome, já que não tem dinheiro para comida. Diante das possíveis opções que você possui, o que você faz?

10. (EMO) Ao ver o solicitante pela primeira vez, sua aparência faz com que você lembre **imediatamente** de um amigo querido, falecido há menos de um mês. Você considera que esse *flashback* pode influenciar positivamente sua boa vontade face ao refugiado?

☐ Sim ☐ Não

Comentários (se houver):

11. (VAL) O tom de voz, a expressão facial ou a postura corporal do solicitante, mesmo que de forma não ostensiva, faz com que você se sinta desrespeitado. Você não sabe se somente você o enxerga como desrespeitoso, se é apenas algo "da sua cabeça". Você percebe que a sua própria voz, sua expressão facial ou sua postura corporal reflete aquela que você entendeu ser a do solicitante?

☐ Sim ☐ Não

Comentários (se houver):

12. (VAL) O solicitante cai em contradição em uma determinada informação. Você atribui ao nervosismo da situação. Alguns minutos depois, outra leve contradição é percebida. No entanto, o solicitante preenche os requisitos legais para sua deliberação positiva. Você confia na sua intuição para ignorar tais contradições ou adia a decisão favorável ao solicitante, para melhor julgamento da situação?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não se aplica

Comentários (se houver):

13. (EMO) No trato com os refugiados, no exercício da sua profissão, que momento você mais aprecia?

14. (EMO) No trato com os refugiados, no exercício da sua profissão, que momento você menos aprecia?

15. (EMO) Mesmo quando imperceptíveis para os outros, certas situações podem **gerar em você** algum embaraço; e tais embaraços *podem por em risco o fluxo da sua fala, ensejando desaceleração, descarrilamento ou mesmo o seu bloqueio verbal*. Você já vivenciou qualquer um desses fenômenos?

☐ Sim ☐ Não ☐

Comentários solicitados em caso de resposta positiva:

16. (VAL) O pensamento tem fluxo constante; daí a dificuldade de muitos em realizar atividades de meditação. Enquanto ouvimos, ainda assim pensamos. Considerando que a relação entre um solicitante de refúgio e alguém que participa de sua aceitação legal em outra cultura é uma relação assimétrica, com que frequência **as relações de poder** entre os dois lados passa por sua cabeça?

☐ Frequentemente ☐ Às vezes ☐ Raramente ☐ Nunca

Comentários (se houver):

17. (EMO) Quando você detecta **em você** a presença de variáveis emocionais (seja por meio de sensações, pensamentos ou percepções), que estratégias você utiliza para esquivar-se de possíveis efeitos embaraçosos **da sua emoção**?

18. (EMO) A norma (ou técnica) e o fator humano (emoções e valores) são muitas vezes irreconciliáveis. **Como você administra o equilíbrio necessário entre a técnica e o fator humano no exercício de sua atividade profissional?**

19. (EXI) Tendo por base a sua **experiência pessoal com refugiados**, sua bagagem intelectual e visão de mundo, **que mudanças em nível individual, social e institucional você prevê no futuro e em que prazo? Vamos avaliar uma a uma.**

	Curto prazo	Médio prazo	Longo prazo
Mudanças em si mesmo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mudanças na sociedade em que vive	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mudanças na Instituição a qual representa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mudanças em instituições internacionais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Comentários (se houver):

20. (EXI) Que aprendizagem você trouxe para sua vida pessoal a partir das **experiências emocionais** com os refugiados?

21. (EXI) Existe algum comentário que você gostaria de fazer a respeito dos aspectos emocionais e valorativos na relação com imigrantes, refugiados ou asilados?

SIGLAS DE IDENTIFICAÇÃO DAS QUESTÕES:

INT - Identificação do Entrevistado

EMO - Questões investigativas de emoção

VAL - Questões investigativas de valor

EXI - Questões investigativas existenciais

(AS PARTES EM VERMELHO FORAM LIDAS MAIS VAGAROSAMENTE E DA FORMA MAIS CLARA POSSÍVEL)

APÊNDICE D - GLOSSÁRIO

Uma das funções de um glossário é listar palavras-chave, representativas da reflexão que o texto sugere. Outra é evitar interpretações dúbias na leitura de um texto. Um leitor há de interpretar o significado de uma palavra - ou sintagma - de acordo com o universo que introjetou, e não de acordo com a intenção do autor, já que esta não está ao seu alcance, a não ser de forma fantasiosa.

O significado de uma palavra é algo tão importante, que em sessões psicoterápicas um psicólogo cuidadoso sempre esclarece o que o paciente quer dizer ao usar um vocábulo 'x' ou 'y'. Dirimir possíveis dúvidas de significado se torna imprescindível, sobretudo quando as palavras carregam abstração, como é o caso das sensações, emoções, valores, percepções ou sentimentos. Cabe ao tradutor atento, antes de fazer a tradução propriamente dita, ler o texto no qual pretende trabalhar, procurando compreender suas sutilezas e significados.

Sendo este trabalho um encontro - mesmo que breve - da Tradução/Interpretação com a Psicologia, optamos por construir um glossário que também tivesse por base o 'significado' dado pela tradutora às palavras/sintagmas aqui listados. Os trechos representam apenas uma amostra dos termos existentes no texto de partida, que estão apresentados em negrito e inscritos no contexto em que aparecem. Mais de um sintagma/palavra pode aparecer no mesmo extrato do texto.

Para cada entrada incluímos uma pequena explicação sobre o *insight* da tradutora para determinadas unidades tradutórias. Nossa intenção com este glossário é não somente apresentar ao leitor termos que possam ser estranhos a ele, mas também mostrar a evolução do processo cognitivo da tradutora. Como ela compreendeu tais sintagmas? Sua compreensão atende ao que parece ser o sentido do texto? Quais foram seus dilemas? Ao leitor deste trabalho a tarefa de realizar tal julgamento.

A forma de pensar de um tradutor, independentemente do gênero do texto, é descortinada pelas escolhas que faz, pelo tratamento dado a um tema, pela preocupação com a compreensão do texto de partida e pela tentativa de buscar o equilíbrio possível entre a estrangeirização e a domesticação de um texto, no pensamento do teórico norte-americano Lawrence Venuti⁵⁸, aprofundado por Berman.

⁵⁸FRANCISCO, Reginaldo. Estrangeirização e domesticação: indo além de mais uma dicotomia. 2016, p. 92.

Termo em francês (FR)	Termo em português (PT)
Il s'agirait d'un auditeur , ce que Dostoïevski souligne lui-même dans l'avant-propos à sa nouvelle Douce : « Tantôt l'homme se parle à lui-même, tantôt il s'adresse à quelque auditeur invisible, à un juge ».	Ele seria um ouvinte , como o próprio Dostoievski enfatiza no prefácio de 'Uma Criatura Dócil': "Às vezes o homem fala consigo mesmo, às vezes ele fala com algum ouvinte invisível, com um juiz".

Insight

À primeira vista o vocábulo 'auditeur' trouxe à mente de imediato a palavra 'auditor'. Por quê? Porque a tradutora trabalhou com auditoria por vários anos e a palavra em francês também possui esse significado. Após a compreensão do contexto optou-se, obviamente, por 'ouvinte', decisão confirmada a partir do momento que se conhece a obra citada no trecho.

Termo em francês (FR)	Termo em português (PT)
L'interprète incarne alors une figure mobile dont la parole circule entre plusieurs axes dialogiques : intervenant – client (fidélité, neutralité), intervenant – interprète (commentaire), interprète – client (commentaire), interprète – sa propre conscience (valeur ajoutée au contexte de la communication).	O intérprete então encarna uma figura móvel cujo discurso circula entre vários eixos dialógicos: interveniente - cliente (fidelidade, neutralidade), interveniente - intérprete (comentário), intérprete - cliente (comentário), intérprete - sua própria consciência (valor agregado ao contexto da comunicação).

Insight

A tradução de 'axes' por 'eixos' vai ao encontro da ideia dos 'corredores de diálogo' nos quais estão inseridos os pares de dialogantes, quando uma parte interage somente com uma segunda parte, deixando a terceira no aguardo momentâneo da interpretação. A tradução de 'client' por 'cliente' é aparentemente óbvia, mas exige que o tradutor compreenda quem é o cliente da interpretação para a autora (ele é o imigrante). Contudo, numa interpretação comunitária nada impede que o cliente da interpretação seja quem solicitou o intérprete (uma instituição pública ou uma organização não governamental). *A priori*, cliente é quem paga, podendo ser qualquer um. No entanto, a palavra mais desafiadora de todo o texto foi 'intervenant', pois esse 'personagem' poderia ser qualquer pessoa que participe da sessão de interpretação, considerando-se apenas a definição da palavra em francês ou em português. Procuramos em vários dicionários e bancos de dados o significado desta palavra, de modo a emprestar a ela uma adequada tradução em português. Poderíamos utilizar a palavra 'terceiro', mas essa palavra é utilizada no texto como conceito de Bakhtin e já carrega sua própria complexidade. Se a autora não deixou claro que o 'terceiro' de Bakhtin é o 'intervenant', não seremos nós a fazê-lo. Também se poderia traduzir por 'falante', mas essa palavra também está no texto (tradução de 'locuteur'), então não poderia ser usada. Havia ainda a opção 'interlocutor', mas, de novo, esta palavra está inserida no texto de partida ('interlocuteur') e havíamos decidido não usar a mesma tradução para vocábulos distintos. Notamos que a palavra 'intervenant' aparece algumas vezes acompanhada de 'interprète' e de 'cliente' (a figura que 'interpretamos'

ser o imigrante, o não falante da língua do país), para quem o intérprete serve como ponte. Têm-se o cliente como o imigrante e o intérprete como ele mesmo. Só faltaria o terceiro ator nesta relação triangular: o profissional que se ‘contrapõe’ (está do outro lado da mesa), entre o imigrante e o intérprete. Então, o ‘intervenante’ só pode ser (mesmo?) a pessoa que acompanha o processo em questão, dentro do país. Enfim, ainda com o friozinho da insegurança, decidimos traduzir ‘intervenante’ por ‘interveniente’. Este vocábulo em português faz referência a uma pessoa interessada, um terceiro (termo muito utilizado no texto). Mas confessamos que a escolha ainda não nos satisfaz completamente.

Termo em francês (FR)	Termo em português (PT)
La même exigence est maintenue même lorsque le niveau de langue du locuteur est inapproprié : l'interprète aura instinctivement tendance à anticiper les attentes du public cible, autrement, à réduire la distance entre le locuteur et le récepteur en utilisant un langage plus soigné.	A mesma exigência é mantida, mesmo quando o registro do falante é inadequado: o intérprete tenderá instintivamente a antecipar as expectativas do público-alvo; ou seja, a reduzir a distância entre o falante e o receptor, utilizando uma linguagem mais polida.

Insight

A palavra ‘locuteur’ foi traduzida como falante, mas poderia ter sido ‘orador’, ‘emissor’ (em contraponto ao ‘receptor’). Considerando que o sujeito que fala se dirige a um público-alvo, talvez a tradução do termo por ‘locutor’ não gerasse estranhamento, mas essa opção foi vencida.

Termo em francês (FR)	Termo em português (PT)
C'est le concept de tiers de Mikhaïl Bakhtine qui servira à mieux cerner le rôle de l'interprète et à suivre le chemin de la parole enfermée dans une cellule triangulaire , entre le professionnel, le client et l'interprète.	É o conceito de ‘terceiro’ de Mikhaïl Bakhtin que será usado para melhor apreender o papel do intérprete e seguir o caminho do discurso encapsulado em uma célula triangular , entre o profissional, o cliente e o intérprete.

Insight

O âmago do texto de partida, contido já em seu título, é a comunicação entre três interlocutores, a saber: o intérprete e as duas partes para quais ele interpreta. A referência aos conceitos de Bakhtin, e o uso do trecho ‘parole enfermée’/‘discurso encapsulado’ justificam a manutenção da palavra ‘célula’, tal como no francês ‘cellule’. A escolha tradutória para (parole) ‘enfermée’/(discurso) ‘encapsulado’ - que poderia ser ‘encerrado’, ‘fechado’ ou ‘selado’ -, se deu em razão de que ‘cápsula’ é algo que lembra uma condição de isolamento, tal como se dá em situações de interpretação, em que dois ‘sujeitos’ interagem por meio de um terceiro: o intérprete.

Termo em francês (FR)	Termo em português (PT)
Du point de vue herméneutique, S. Fish explique l'importance de la communauté interprétative qui joue le rôle normatif dans la réception des textes.	Do ponto de vista hermenêutico, S. Fish explica a importância da comunidade interpretativa , que desempenha o papel normativo na recepção dos textos.

Insight

O sintagma representa um conceito de S. Fish, ou é a ele referenciado. Não há necessidade de realizar consultas adicionais, pois se pode depreender do trecho em si - e do que é dito antes e depois dele - que a autora entende 'comunidade interpretativa' como o conjunto de profissionais da interpretação, a coletividade daqueles que possuem a mesma competência. Este trecho merece mais atenção por parte do leitor do texto de partida, pois a autora várias vezes se refere à 'interpretação comunitária' simplesmente como 'la communautaire', o que pode gerar alguma confusão à primeira vista.

Termo em francês (FR)	Termo em português (PT)
En règle générale, dans ce type d'intervention, les relations de pouvoir sont quasi palpables : si le professionnel s'investit dans la traduction (le décodage) de l'autre en tant qu'autorité dans son domaine d'activité, le client se sent constamment obligé de se traduire, c'est-à-dire de s'expliquer, de clarifier certaines informations, de se dire afin de se rendre accessible à son interlocuteur.	Como regra geral, neste tipo de intervenção as relações de poder são quase palpáveis: se o profissional se dedica a traduzir (decodificar) o outro, enquanto autoridade em seu campo de atividade, o cliente se sente constantemente obrigado a se traduzir, ou seja, a se explicar, a esclarecer certas informações, a se dizer para se tornar acessível ao seu interlocutor.

Insight

A palavra profissional está aqui elencada por duas razões: a primeira porque a autora do texto de partida faz uso de numerosos termos relacionados a alguém que fala: 'professionnel', 'interprète', 'locuteur', 'orateur', 'intervenant', 'client', 'tiers', 'troisième'... tantas nomenclaturas exigem atenção redobrada, pois tanto o intérprete quanto o profissional para quem se traduz as palavras do imigrante podem ser definidos como profissionais (o tradutor ou um defensor público são também, ambos, profissionais).

Além disso, a pessoa para quem o intérprete leva as palavras do imigrante (do 'client', no texto) às vezes é chamada de 'professionnel' às vezes de 'intervenant': outro perigo para o tradutor.

Finalmente, o termo 'professionnel' é um termo que importa tanto como substantivo como adjetivo. O código de ética dos intérpretes, do qual falamos exaustivamente neste trabalho, exige um desempenho 'profissional' (adjetivo) do intérprete, responsabilidade que impacta sobremaneira sobre as emoções do 'profissional' intérprete (substantivo). Aliás, a palavra também é usada como adjetivo no texto.

Termo em francês (FR)	Termo em português (PT)
L'interprétation communautaire : un modèle de communication « trialogique » – Il sera question de réfléchir sur l'interprétation communautaire, particulièrement sur les rapports qui existent entre le professionnel, le client et l'interprète lors d'un échange interculturel.	Interpretação comunitária: um modelo de comunicação "trialógica" – Trata-se de uma reflexão sobre interpretação comunitária, particularmente sobre a relação entre o profissional, o cliente e o intérprete durante uma interação intercultural.

Insight

Embora os termos 'trialogue' e 'triálogo' existam no léxico das línguas francesa e portuguesa, não pudemos, s.m.j., encontrar nele os termos 'trialogique' e 'trialógico', de forma que fizessem sentido no texto de partida. Daí, depreendemos que a autora criou um neologismo a partir de 'triálogo' e 'lógico'. A comunicação 'trialógica' (o intérprete e mais dois interlocutores) exige um entendimento lógico entre as três partes, sob risco de que não aconteça a intercomunicação necessária.

Termo em francês (FR)	Termo em português (PT)
(...)l'interprète qui travaille dans un camp de réfugiés politiques peut mettre en doute les valeurs démocratiques ou la validité des institutions qu'ils représentent : d'un côté, témoin de l'autorité absolue de l'État et de l'autre, de tant de situations critiques qui ont un impact immédiat et irréversible sur la vie des réfugiés, il risque de perdre sa neutralité, exposé à la présence tangible de l'autre (...)	(...)um intérprete que trabalha em um campo de refugiados políticos pode questionar os valores democráticos ou a validade das instituições que eles representam; por um lado, testemunha da autoridade absoluta do Estado e do outro; de tantas situações críticas que têm um impacto imediato e irreversível na vida dos refugiados, arrisca-se a perder sua neutralidade, exposto à presença tangível do outro (...)

Insight

De frente com a situação do refugiado, quando este apenas adentra um país em busca de amparo, compartilhando a vivência conjunta em um mesmo espaço (intérprete – imigrante), não é possível ignorar a concretude do outro, a verdade palpável do testemunho, a proximidade que se pode tocar: essa é a presença tangível do outro. O sintagma não é propriamente um desafio tradutório, mas remete ao tema deste trabalho, desafios emocionais na interpretação, revelando uma linguagem psicanalítica, bastante referenciada à obra freudiana.

Termo em francês (FR)	Termo em português (PT)
Au-delà des questions techniques ou axées strictement sur la profession, il nous semble digne d'intérêt d'aborder la composante humaine qui intervient dans le processus interprétatif .	Além das questões técnicas ou estritamente focadas no aspecto profissional, parece valer a pena abordar o componente humano que intervém no processo interpretativo .

Insight

A sequência de ações no curso da ação de interpretar; *les modes de fonctionnement de l'appareil psychique*, são determinados, também, pelo 'ser' humano, parte impreterível na ação de interpretar. De fato, a interpretação comunitária não se limita a 'ouvir' alguém em uma língua 'A' e 'falar' para alguém em uma língua 'B'. Entre uma coisa e outra, em nível consciente ou não, a mensagem resvala no 'ser' intérprete, que em questão de segundos tem que reorganizar a mensagem, desviando-a de possíveis efeitos embaraçosos da emoção.

Termo em francês (FR)	Termo em português (PT)
Si l'institution encadre le déroulement formel de l'intervention, en imposant aux trois parties (l'intervenant, le client et l'interprète) un code de conduite prédéterminé, comment saisir les moments critiques de la rencontre, moments qui font dérailler la communication à cause du « surplus humain » incontrôlable?	Se a instituição enquadra a conduta formal da intervenção, impondo um código de conduta pré-determinado às três partes (o interveniente, o cliente e o intérprete), como podem ser capturados os momentos críticos do encontro, momentos que fazem com que a comunicação fique fora de controle, em razão do " excedente humano " incontrolável?

Insight

Capturar momentos críticos do encontro, crise, falta de controle, imposição do código de ética: a nosso ver, o 'excedente humano', 'incontrolável', que 'compromete a comunicação', não poderia ser outro que a 'emoção expressa', tema deste trabalho